



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI**  
**CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS – CSHNB**  
**LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**JOSÉ WALDIR DE SOUSA MOURA JÚNIOR**

**HISTÓRIA E TEATRO: manifestações e representações teatrais na cidade de  
Picos, sob a ótica de Olívia Rufino (1940 – 1950)**

**PICOS – PI**

**2013**

JOSÉ WALDIR DE SOUSA MOURA JÚNIOR

**HISTÓRIA E TEATRO: manifestações e representações teatrais na cidade de Picos, sob a ótica de Olívia Rufino (1940- 1950)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, como requisito necessário para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro

Eu, **José Waldir de Sousa Moura Júnior**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI, 23 de abril de 2013.

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca José Albano de Macêdo

M929h      Moura Júnior, José Waldir de Sousa.  
              História e teatro: manifestações e representações  
              teatrais na cidade de Picos, sob a ótica de Olívia Rufino  
              (1940-1950) / José Waldir de Sousa Moura Júnior. – 2013.  
              CD-ROM : il. ; 4 ¾ pol. (63p.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade  
Federal do Piauí. Picos-PI, 2013.  
Orientador(A): Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro.

1. História. 2. Teatro. 3. Picos. 4. Olívia Rufino. I. Título.

CDD 981.812 22

JOSÉ WALDIR DE SOUSA MOURA JÚNIOR

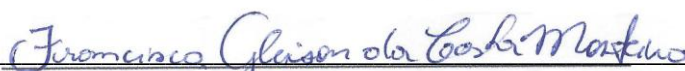
**HISTÓRIA E TEATRO: manifestações e representações teatrais na cidade de Picos, sob a ótica de Olívia Rufino (1940- 1950)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, como requisito necessário para obtenção do grau de Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro

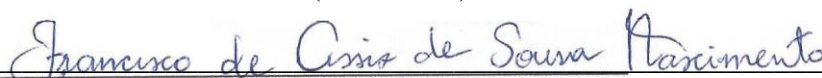
Data de aprovação: 16 / 04 / 2013

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro / UFPI – CSHNB  
(Orientador)



---

Prof. Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento / UFPI – CSHNB  
(Examinador)



---

Prof. Marcos Vinícius Holanda Sousa / UFPI – CMPP  
(Examinador)



---

Prof. Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira / UFPI – CMPP  
(Suplente)

“Um povo que não fomenta o seu teatro, se  
não está morto está moribundo.”

Federico García Lorca

## AGRADECIMENTOS

Ao chegar ao final da pesquisa gostaria de agradecer a todas as pessoas que contribuíram para a realização e concretização desta etapa tão importante em minha vida.

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado o dom da vida e da sabedoria, a força e ajuda necessária em todas as etapas da minha existência.

A meu pai, José Waldir de Sousa Moura (*in memoriam*), pelo carinho, amizade, dedicação, afeto e apoio, pois além de pai foi e é meu ídolo, exemplo de homem e cidadão completo, sendo um grande pai, filho, irmão e amigo para todos que tiveram o privilégio de conhecê-lo, por ter lutado com toda a sua força, afincado e abnegação para que eu pudesse chegar até aqui, motivado pelo amor que sempre teve por mim.

À minha mãe, Francisca Laura Leal Moura, por dedicar todo o seu tempo em função do bem-estar da família, sempre me apoiando nas várias etapas da minha vida, movida pelo sentimento uno e incomum que emana do amor materno.

À minha irmã, Waldânia Leal Moura, por todo o empenho, carinho e auxílio em todos os momentos, fazendo dos meus sonhos a sua própria meta.

À Maria Aparecida Coelho de Moura (Cidinha), pelo amor, carinho, compreensão, amizade, convivência e ajuda nas etapas da vida e deste trabalho.

À toda minha família, por todas as experiências e contribuições para minha formação.

À Senhora Olívia da Silva Rufino Borges, simplesmente, quem me possibilitou através de sua indelével memória e propriedade, construir esse trabalho, pessoa a quem tenho imenso respeito, gratidão e admiração.

Ao meu orientador, Francisco Gleison da Costa Monteiro, pela amizade, auxílio e paciência, em todas as etapas da pesquisa, e, sobretudo, pelo exemplo de ser humano e profissional, do qual conceitos como ética, respeito, hombridade, lealdade, são apenas meros predicativos para defini-lo.

Aos amigos Titans, pela amizade e companheirismo ao longo de uma grande jornada marcada por experiências únicas e peculiares, que expressam bem o sentido e significado da palavra amizade.

Ao amigo João Ricardo de Sá e Silva, meu digitador oficial, que abdicou de grande parte do tempo dedicado à pesquisa que vem desenvolvendo atualmente, para contribuir imensamente com a realização dessa obra, além de toda amizade, respeito, atenção, companheirismo e descontração que marcam uma irmandade fraternal.

Ao amigo Eduardo Henrique Barbosa de Almeida, por toda a ajuda na produção das fontes orais e, principalmente, pela amizade, companheirismo e respeito adquirido ao longo desses anos da nossa graduação.

Ao amigo Francisco José da Silva, pela humildade, respeito e admiração, um exemplo de estudante.

Ao amigo Samairkon Silva de Oliveira Alves, com quem dividi e divido grande parte dos meus momentos de lazer e diversão, como também os momentos de dificuldade, desde os 12 anos de idade.

Ao meu amigo Ronaldo Francisco de Moura, mais que um primo, um irmão.

Aos primos Antonino Borges de Moura Neto e João Sérgio de Sousa Moura, fontes de inspiração familiar para a minha constituição enquanto estudante.

Ao amigo Rubens de Lima Leal, um exemplo de amigo e profissional, no qual busco me espelhar para o desenvolvimento futuro do magistério, por toda a amizade que construímos nos últimos anos, marcada por companheirismo, descontração, lealdade, fraternidade, e principalmente, pelos sábios conselhos que procuro seguir em cada etapa da minha vida.

Aos meus irmãos de arte marcial (Taekwondo), pela ajuda, apoio e amizade diante de tantos percalços, pelo estímulo a nunca estremecer diante das adversidades, e pela inspiração de perseverança que me fez chegar até o final dessa pesquisa.

A todos os meus colegas de turma, em especial aos amigos, Francisco José, Eduardo Henrique, João Ricardo, Wilson Paulo, Theydson Willer, Bismarck Santos, Jailson Isidório, Jailson Dias, Leonardo Aquino, Jaelson Roniel, Higo Carlos e demais companheiros que compartilharam dessa grande e magnífica experiência. Espero que sempre estejamos juntos nos momentos posteriores à graduação.

Aos professores Francisco de Assis de Sousa Nascimento e Frederico Osanan Amorim Lima, que além do contato no espaço acadêmico, são inspiradores deste trabalho, grandes exemplos intelectuais e humanos, pessoas que espero ter como amigos para o resto da vida.

A todos os professores que compõem o quadro docente do Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros: Johny Santana, José Lins, Francisco Nascimento, Frederico Osanan, Mairton Celestino, Olívia Candeia, Nilsângela Cardoso, Marylu Oliveira, Ana Paula Cantelli, Ana Maria Koch, Agostinho Coe, Francisca Rhejane, Raimundo Nonato, e demais professores e profissionais, correndo o risco de ser injusto e esquecer alguém, que resumiram nas suas ações acadêmicas a frase de Paulo Freire:

“O educador se eterniza em cada ser que educa”, e com toda certeza vocês estão eternizados em minha formação, pelo exemplo de humildade, profissionalismo, fraternidade e humanidade.

A todos meu muito obrigado!



## RESUMO

A pesquisa intitulada, “**HISTÓRIA E TEATRO**: manifestações e representações teatrais na cidade de Picos, sob a ótica de Olívia Rufino (1940 – 1950)”, tem como objetivo estabelecer uma relação entre o teatro e a pesquisa histórica, enfocando a diversidade de fontes para a produção historiográfica e oferecer uma possibilidade de compreensão da história da cidade de Picos, entre as décadas de 1940 e 1950, por meio do teatro desenvolvido no Instituto Monsenhor Hipólito-IMH (Colégio das Irmãs), e no Ginásio Estadual Picoense (GEP), nesse último, sob a perspectiva da arte engajada, sob uma abordagem que coloca o teatro como uma via de acesso para compreender as características socioculturais da sociedade picoense, utilizando a história oral, por meio da trajetória de vida de Olívia Rufino, para refletir acerca das manifestações e representações teatrais que eram empreendidas e encenadas na cidade, como também, a participação da juventude da época na promoção da cultura e da cidadania através das artes cênicas.

**PALAVRAS-CHAVE:** História. Teatro. Picos. Olívia Rufino.

## **ABSTRACT**

The research titled, "**HISTORY AND THEATER: demonstrations and theatrical performances in the city of Picos, from the perspective of Olívia Rufino (1940 - 1950) '**, aims to establish a relationship between theater and historical research, focusing on the diversity of sources for the historical production and offer a possibility of understanding the history of the city of Picos, between the 1940s and 1950s, through theater developed at the Instituto Monsenhor Hipólito-IMH (Colégio das Irmãs), and the Ginásio Estadual Picoense (GEP), in the latter, under the perspective of engaged art, under an approach that puts the theater as a gateway to understanding the socio-cultural characteristics of society picoense, oral histories, through the life trajectory of Olívia Rufino, to reflect on the events and theatrical performances which were undertaken and performed in the city, but also the participation of the youth of the time in promoting culture and citizenship through the performing arts.

**KEYWORDS:** History. Theater. Picos. Olívia Rufino.

## LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

<b>a.C.</b>	Antes de Cristo
<b>ALERP</b>	Academia de Letras da Região de Picos
<b>Av.</b>	Avenida
<b>BNB</b>	Banco do Nordeste do Brasil
<b>CNPq</b>	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
<b>d. C.</b>	Depois de Cristo
<b>Dr.</b>	Doutor
<b>Ed.</b>	Edio
<b>EDUFPI</b>	Editora da Universidade Federal do Piauí
<b>EdUSP</b>	Editora da Universidade de São Paulo
<b>Foto</b>	Fotografia
<b>GLDCS</b>	Grêmio Literário Da Costa e Silva
<b>GEP</b>	Ginásio Estadual Picoense
<b>IMH</b>	Instituto Monsenhor Hipólito
<b>INDA</b>	Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário
<b>MA</b>	Maranhão
<b>Ms.</b>	Mestre
<b>OSP</b>	Organizao Social e Política Brasileira
<b>Orgs.</b>	Organizadores
<b>PIBIC</b>	Programa Institucional de Bolsas de Iniciao Científica
<b>PI</b>	Piauí
<b>UFF</b>	Universidade Federal Fluminense
<b>UFPI</b>	Universidade Federal do Piauí
<b>UPE</b>	União Picoense de Escritores
<b>TV</b>	Televisão

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Fotografia 01</b> - Encontro de comerciantes na feira livre.....	30
<b>Fotografia 02</b> - Vazante no rio Guaribas.....	32
<b>Fotografia 03</b> - Praça Félix Pacheco nos anos 1950.....	35
<b>Fotografia 04</b> - Encontro de fieis na Igreja do Sagrado Coração de Jesus.....	37
<b>Fotografia 05</b> - Colégio das Irmãs na década de 1950, Av. Getúlio Vargas.....	40
<b>Fotografia 06</b> - Olívia no Colégio das Freiras.....	46
<b>Fotografia 07</b> - Primeiro número do Jornal <b>Flâmula</b> .....	53
<b>Fotografia 08</b> - Fotografia de Olívia Rufino no GEP.....	61

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>1 O TEATRO E SUA RELAÇÃO COM A PESQUISA HISTÓRICA</b> .....	17
<b>1.1 O papel do historiador no diálogo com as fontes</b> .....	17
<b>1.2 O teatro: uma via de compreensão para a história</b> .....	20
<b>2 O CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL DE PICOS ENTRE OS ANOS 1940 E 1950</b> .....	29
<b>2.1 Lazer e sociabilidades</b> .....	33
<b>3 MANIFESTAÇÕES E REPRESENTAÇÕES TEATRAIS NO COLÉGIO DAS     IRMÃS (IMH) E NO GINÁSIO ESTADUAL PICOENSE, SOB A ÓTICA DE     OLÍVIA RUFINO</b> .....	40
<b>3.1 O nascimento da artista</b> .....	40
<b>3.2 O embrião cultural: o ginásio estadual picoense e a atuação do grupo teatral do     grêmio literário da costa e silva na promoção da cultura</b> .....	48
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	63
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	64

## INTRODUÇÃO

O interesse pelo objeto de pesquisa surgiu com a minha participação como Bolsista PIBIC – CNPq, no Grupo de Pesquisa HISTÓRIA E MEMÓRIA DO TEATRO PIAUIENSE: (Re) encenando a Experiência Social e as Produções Culturais, coordenado pelo Professor Doutor Francisco de Assis de Sousa Nascimento, onde entrei em contato com o universo da pesquisa científica, envolvendo as artes cênicas, de maneira mais específica o teatro. A partir desse acontecimento pude entrar em contato com toda uma bibliografia e fontes existentes sobre o teatro em nível nacional, e produzir, junto com o estudante Eduardo Henrique Barbosa de Almeida, novas fontes de pesquisa através da história oral, principalmente, sobre o teatro picoense no final da primeira metade do século XX, especificamente, entre as décadas de 1940 e 1950, recorte este que me levou a aprofundar a reflexão sobre a história do teatro picoense nesse contexto. Para uma visão e compreensão do contexto sociocultural da época, vale destacar a importância dos diálogos que foram construídos e apresentados sobre a história da cidade de Picos nesse período, amplamente exposto pelo economista e sociólogo Renato Santos Duarte, no seu livro **Picos: os verdes anos cinquenta** (1995).

Nesse período, as artes cênicas foram frutíferas e estabeleceram um diálogo constante com o cotidiano picoense, ainda rural, típico de uma pequena cidade nordestina, mas com uma economia pulsante, sobretudo pela produção de gêneros agropecuários, de forma mais intensiva, o alho e a cebola, mas também, outros gêneros alimentícios como batata, abóbora, milho, feijão e arroz<sup>1</sup>. Nesse sentido, o teatro desenvolvido na cidade representava a vida do pequeno agricultor – o homem do campo, objetivando por meio da arte teatral criar condições para que este indivíduo adquirisse uma consciência crítica sobre as explorações pelas quais eram submetidos, pelas forças políticas locais.

Diante do exposto, a história do teatro picoense é um tema que me chamou atenção para a realização da pesquisa, devido ser uma possibilidade de pesquisar cenários poucos conhecidos no que concerne às pesquisas desenvolvidas sobre a história da cidade de Picos entre as décadas de 1940 e 1950, sob a perspectiva das artes cênicas, apresentando uma maneira de enxergar alguns dos aspectos e lugares que marcaram a trajetória dos estudantes artistas das instituições Ginásio Estadual Picoense (GEP) e Instituto Monsenhor Hipólito (IMH), também conhecido como Colégio das Irmãs, que tinham como característica principal

---

<sup>1</sup>Para mais informações ver DUARTE, Renato. **Picos: os verdes anos cinquenta**. 2. ed. Recife: Gráfica Editora Nordeste, 1995.

em suas apresentações a utilização do teatro como uma arma de conscientização social e política, na perspectiva da arte engajada.

Segundo Francisco de Assis de Sousa Nascimento:

as peças teatrais, bem como a vida dos dramaturgos, podem servir como pistas para a compreensão do momento histórico. Seus objetivos e concepções, conquistas e derrotas vividas no palco da cultura, numa atitude em que a arte dialoga com a história, emprestando-lhe não apenas as fontes necessárias, mas também a sensibilidade que lhe é peculiar<sup>2</sup>.

De acordo com Nascimento, através das representações artísticas e teatrais desempenhadas pelos grupos de teatro, é possível compreender alguns aspectos da história de uma sociedade, e construir uma pesquisa a partir dos fragmentos de passado, deixados pelas experiências empreendidas pelos artistas e pelo conteúdo das peças, visto que, grande parte do que é representado no palco teatral faz parte da vida dos próprios artistas, seus anseios, dúvidas, angústias e vivências socioculturais presentes na subjetividade das experiências próprias dos diretores e atores que representam no palco, a própria história do povo, sendo uma história comum a todos que compõem a sociedade.

Dentro dessa perspectiva, a história do teatro picoense tem como principal característica, no início da sua formação, a relação entre teatro e escola, visto que, as representações cênicas realizadas na cidade de Picos, tinham sua origem nos espaços escolares do Instituto Monsenhor Hipólito, e do Ginásio Estadual Picoense, tendo como principal finalidade a utilização do teatro como uma forma de conscientizar, politizar e esclarecer as classes menos abastadas de sua exploração compulsória, pelos chefes políticos locais, denominados por Olívia Rufino<sup>3</sup> como coronéis.

Por meio da história do teatro picoense foi possível compreender parte do universo cultural e o engajamento político de uma parcela da juventude da época, que utilizou o teatro com a finalidade de conseguir adquirir um capital financeiro para fundar o Jornal **Flâmula** e proliferar ideias e conceitos como: cidadania, ética, valores da educação e cultura, biografia de cientistas e escritores, com a finalidade de transformar consciências e mentalidades, através dos ideais da educação e do engajamento artístico. Outra característica apresentada pela pesquisa é de compreender um pouco da história de Picos, que segundo Renato Duarte,

---

<sup>2</sup>NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa. **Teatro dialógico**: Benjamin Santos em incursão pela História e Memória do Teatro Brasileiro. Niterói: Tese (Doutorado em História Social) \_ UFF, 2009, 240fls, p. 31.

<sup>3</sup>Olívia da Silva Rufino Borges é formada em Pedagogia, Geografia, História, Moral e Cívica e OSPB, foi coordenadora de Educação Física do complexo escolar de Picos por 13 anos, é membro da Academia de Letras da Região de Picos (ALERP), cadeira nº 3, é da União Picoense de Escritores (UPE). Foi vereadora em Picos por 20 anos, de 1977 a 1993 e 1996 a 2000.

passou para a história e memória do lugar, como um momento prodigioso, sendo conhecido como **Os verdes anos cinquenta**.

Apresentarei a história do teatro picoense sob a ótica de Olívia Rufino, devido ela ter feito parte do primeiro grupo de teatro conhecido na cidade, vinculado ao Ginásio Estadual Picoense e ao Grêmio Literário Da Costa e Silva, onde a nomenclatura do grupo era referida apenas à Instituição, o Grêmio, não existindo o nome próprio para o grupo teatral, se caracterizando como um grupo amador que realizava apresentações intermitentes, compostas por jovens estudantes ginasianos, que apresentavam peças teatrais adaptadas da literatura francesa, e da literatura brasileira, às problemáticas e à realidade local, onde o principal objetivo era a luta para transformação e conscientização social e política para com os problemas da sociedade por meio da arte engajada.

O método utilizado para a construção da pesquisa foi o da história oral, por não haver pesquisas sobre a história do teatro na cidade de Picos no período contemplado pelo recorte do trabalho, e principalmente, devido não ter havido uma preservação documental dos textos e roteiros das peças que foram apresentadas na cidade, e também, em virtude da idade avançada de alguns atores que vivenciaram e comporam a cena teatral picoense nas décadas de 1940 e 1950.

No capítulo I, “**O teatro e sua relação com a pesquisa histórica**” busquei analisar o papel do historiador na construção de uma pesquisa científica, enfocando a multiplicidade de fontes de pesquisa no campo da produção historiográfica, e a relação da história com o teatro na busca por uma compreensão do passado, e a importância do teatro para a pesquisa histórica.

No capítulo II, “**O contexto histórico-social de Picos entre os anos 1940 e 1950**”, objetivei apresentar o contexto dos cenários socioculturais picoenses, em sua multiplicidade, enfatizando a descrição das atividades realizadas pela sociedade de Picos, no recorte adotado, analisando cenários como, o rio Guaribas, a feira livre, a Praça Félix Pacheco, a Igreja Católica, as festividades populares ligados ao sagrado e ao profano, tendo como finalidade compreender o universo de atuação dos artistas que realizavam peças teatrais na cidade de Picos, no intuito de compreender as práticas socioculturais e a mentalidade popular da época.

No capítulo III, “**Manifestações e representações teatrais no Colégio das Irmãs (IMH) e no Ginásio Estadual Picoense, sob a ótica de Olívia Rufino**”, tentei apresentar como se deram as primeiras apresentações e representações teatrais na cidade de Picos, analisando a contribuição do Colégio das Irmãs para a fomentação cultural por meio do teatro, e a importância das artes cênicas para a formação da pessoa humana, de um indivíduo crítico,



e de maneira mais específica, para o nascimento da artista Olívia da Silva Rufino Borges. Destaco também a importância do Grupo de Teatro do Grêmio Literário Da Costa e Silva para o empreendimento de peças teatrais de caráter crítico e de politização da sociedade na perspectiva da arte engajada, e sua luta por meio do teatro para esclarecer os grupos menos abastados da sociedade, sob sua condição de exploração pelos chefes políticos locais. Outra característica analisada foi o caráter de militância dos jovens estudantes do Ginásio Estadual Picoense na fundação do Jornal **Flâmula**, iniciativa pioneira na época, dentre outros fatores que fizeram dessa juventude, uma espécie de fermento cultural e intelectual para a cidade.

O trabalho intitulado, “**HISTÓRIA E TEATRO**: manifestações e representações teatrais na cidade de Picos, sob a ótica de Olívia Rufino (1940- 1950)”, é uma possibilidade de se compreender um pouco da história da cidade de Picos, da mentalidade e formação sociocultural da sociedade picoense sob uma abordagem que coloca o teatro como uma via de acesso para a compreensão desse momento histórico, utilizando a história oral por meio da trajetória de vida de Olívia Rufino, para compreender as manifestações e representações teatrais que eram empreendidas e encenadas na cidade.

# 1 O TEATRO E SUA RELAÇÃO COM A PESQUISA HISTÓRICA

## 1.1 O papel do historiador no diálogo com as fontes

Segundo Marc Bloch, “a história seria talvez a ‘ciência dos homens, ou melhor, dos homens no tempo’”<sup>1</sup>, e o homem, logo de início, é entendido e interpretado como o principal objeto de estudo dessa ciência. Nesse sentido, o homem desde suas origens, há aproximadamente dois milhões de anos antes a. C., segundo alguns historiadores, produz história, conhecimento e cultura, sendo produtor e sujeito da história, pois, ele em qualquer tempo e espaço, deixa vestígios materiais e imateriais, que servem de legado e fontes para a pesquisa histórica, contribuindo para a formação de um vasto patrimônio cultural e para o estudo e entendimento da história da humanidade.

A história como toda e qualquer ciência tem uma gama de teorias e metodologias que compõem o seu estudo, entendimento e pesquisa, assim desde a antiguidade ela tem o objetivo de relatar as experiências humanas, para segundo Heródoto<sup>2</sup>, elas não serem esquecidas e apagadas com o tempo, sendo esta uma das funções do historiador e parte do seu ofício. O historiador para realizar uma pesquisa necessita de um tema, ter fontes disponíveis, dialogar com as mesmas, buscando problematizá-las a partir de um lugar social, um recorte temporal, e também ter em mente que seu trabalho tem um compromisso social.

Um dos aspectos que por muito tempo foram poucos explorados pelos historiadores, foi a multiplicidade de fontes de pesquisa disponíveis para a produção historiográfica, visto que, no século XIX, na escola metódica alemã, que tinha como referência, Leopold von Ranke, o único meio de se produzir história seria através de fontes documentais oficiais, uma vez que na concepção dessa escola, o documento era o único meio para a produção historiográfica, trazia em si a verdade absoluta e toda a perspectiva do real na construção de uma pesquisa. Antes de Ranke, existia o positivismo histórico, que tinha como um dos líderes dessa corrente científica, Auguste Comte, onde a história era a história dos reis, líderes e conseqüentemente, a história oficial do Estado, sendo esta, uma história linear e quantitativa<sup>3</sup>.

A partir de 1929, com o surgimento da escola dos *Annales* que tinha como idealizadores, Marc Bloch e Lucien Febvre, o conceito de fonte de pesquisa foi expandido e

---

<sup>1</sup>BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o Ofício de Historiador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002, p. 7.

<sup>2</sup>Para mais informações ver BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

<sup>3</sup> Ver BORGES, 2005.

alargado através da interdisciplinaridade, onde, o objeto de pesquisa e as fontes se multiplicaram, pois, aspectos e vestígios que até então não faziam parte da concepção de fonte foram expandidos, como jornais, revistas, a história oral e a memória, fotografias, vídeos, que são utilizados, valorizados e explorados pelos historiadores na execução de seu ofício, uma vez que outras histórias poderiam ser produzidas e narradas em um mesmo tempo e espaço em relação à história oficial do Estado, como por exemplo, a história das mulheres, da vida privada, das crianças, das minorias, histórias locais e peculiares das várias regiões, que não eram vistas, ouvidas e narradas por sofrerem o estigma de não pertencerem e interessarem à história geral oficial do Estado, onde esses homens e suas experiências não eram vistos como sujeitos históricos, figurando apenas como coadjuvantes desse processo.

Sobre os aspectos que contemplam as novas abordagens e metodologias da pesquisa histórica, para Vieira, o trabalho do historiador com fontes não oficiais,

Traz para a cena histórica agentes sociais antes relegados e valoriza-lhes o saber e a experiência de vida, respondendo a demandas de conhecimento feitas por movimentos sociais de mulheres, de trabalhadores, de pobres e outros.

Essas noções de totalidade, de cultura, nos levam a situar a história como um campo de possibilidades. Imaginamos que a história é a experiência humana e que esta experiência, por ser contraditória, não tem um sentido único, homogêneo, linear, nem um único significado. Dessa forma, fazer história como conhecimento e como vivência é recuperar a ação dos diferentes grupos que nela atuam, procurando entender por que o processo tornou um dado rumo e não outro; significa resgatar as injunções que permitiriam a concretização de uma possibilidade e não de outras<sup>4</sup>.

Nesse sentido, é possível observar que o campo da produção histórica é permeado por múltiplas hipóteses e uma vasta gama de temas para construção de pesquisas historiográficas, uma vez que possibilita ao historiador pesquisar aspectos culturais, sociais e políticos que fazem parte da história do homem e permitem a compreensão das suas experiências em sociedade.

Atualmente, as discussões historiográficas em âmbito nacional são permeadas pela concepção de múltiplas fontes e possibilidades de pesquisa, cabendo aos historiadores dialogarem com essas fontes e problematizá-las para a construção da pesquisa histórica. Alguns historiadores na construção de suas pesquisas têm consciência da subjetividade na escrita da história, daí a importância da teoria e metodologia, pois estes são fatores fundamentais no seu ofício devido os mesmos buscarem a verdade, e terem em mente que não

---

<sup>4</sup>VIEIRA, Maria Pilar de Araújo. **A pesquisa em história**. São Paulo: Ática, 1989, p. 11.

existe apenas um olhar sobre o tema, existindo assim, verdades que são produzidas pelo historiador, permeadas e construídas a partir de teorias e metodologias.

Porém, a forma com que o historiador conduz sua pesquisa é essencial para a produção científica, contrapondo as visões tradicionais que diziam que ele deveria ver, abordar e apresentar uma pesquisa apenas colocando o que realmente estava nos documentos oficiais.

Segundo Eric Hobsbawm, no que concerne ao trabalho com fontes sobre a história do povo comum, no texto *A outra história – algumas reflexões*,

O que temos geralmente que fazer é reunir uma grande variedade de informações freqüentemente [sic] fragmentárias e, para assim agir, temos, se me perdoam a frase, de construirmos nós mesmos o quebra-cabeças, isto é, descobrir como essa informação *deve* se ajustar. Isto é outra maneira de repetir o que já frisei acima, isto é, que o historiador que estuda a história feita pelo povo não pode ser um positivista antiquado. Deve, de certa maneira, saber o que está procurando e, apenas neste caso, poderá reconhecer, tentar pensar em outro modelo<sup>5</sup>.

A partir dessa perspectiva, podemos analisar a importância da subjetividade do historiador, para construção de uma pesquisa histórica, visto que, para o desenvolvimento da pesquisa cabe ao historiador dar uma dinâmica própria às fontes e recursos metodológicos, da sua construção teórica, pois é o seu diálogo, suas indagações e problematizações com as fontes de pesquisa, o elemento essencial para a construção de um trabalho acadêmico, e caso, o historiador não encontre material suficiente e que tenha vínculo com o seu objeto de pesquisa deve modificar seu posicionamento em relação às fontes e aos objetos de análise.

Contudo, temos a concepção de que por trás de toda e qualquer fonte existe uma intencionalidade, e esta deve ser analisada a partir de um lugar social, ou seja, o lugar de fala do entrevistado ou de quem produziu o documento, cabendo ao historiador a interpretação dessas fontes e a consciência de que nunca reconstituirá a história do passado tal qual aconteceu, mas apenas trará à luz fragmentos do passado de um povo e sua cultura.

Busquei por meio dessa exposição através da análise da pesquisa histórica, estabelecer um diálogo e uma relação entre teoria e metodologia na produção historiográfica, tendo como finalidade apresentar alguns aspectos que permeiam o ofício do historiador e a ampliação do conceito de fonte de pesquisa, objetivando apresentar conceitos fundamentais sobre a multiplicidade de fontes e sua relação através da atuação do historiador para a produção de uma pesquisa histórica.

---

<sup>5</sup>HOBSBAWM, Eric. *A outra história: algumas reflexões*. In: KRANTZ, Frederick (org.). **A outra história: ideologia e protesto popular nos séculos XVII a XIX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990, p. 26. Grifo do autor.

## 1.2 O teatro: uma via de compreensão para a história

Falar sobre a história do teatro no Piauí, e especialmente em Picos, é remeter a cenários pouco conhecidos e que não receberam grande visibilidade e atenção por parte da sociedade piauiense. Porém, esta arte sempre foi muito bem aceita e apreciada pelos seus espectadores.

No Piauí, o teatro acompanhou o próprio processo de desenvolvimento do Estado, visto que foram constantes as apresentações teatrais nos principais casarões da primeira capital do Piauí, Oeiras<sup>6</sup>. Quando ocorre a transferência da capital, de Oeiras para Teresina, em 1852, através do Conselheiro José Antonio Saraiva, muitos artistas também deixaram Oeiras rumo à nova Capital. Diante disso, o teatro se apresentou como um dos itens culturais que chamou atenção da sociedade piauiense, e conseqüentemente, em Picos também adquiriu grande destaque desde seu início, nos fins da década de 1940, e inícios dos anos 1950, como também, em períodos posteriores da história da cidade, com a formação de alguns grupos teatrais, que o utilizaram como uma forma de dinamizar e fomentar a cultura e gerar uma consciência crítica formadora de opinião.

A realização da pesquisa se revela importante por ampliar o campo de fontes de pesquisa referentes à arte teatral, uma vez que ainda há uma pouca disponibilidade de produções bibliográficas e digitais existente sobre o teatro no Estado do Piauí, visto que o mesmo apresenta uma vasta produção de peças e encenações teatrais que podem influenciar a produção de pesquisas posteriores. A pesquisa também é necessária em razão da idade avançada de alguns dos protagonistas da cena teatral do período (diretores, atores, cenotécnicos, dramaturgos e espectadores), que podem ser considerados como testemunhas oculares da história, ameaçando, assim, a construção da memória sobre esse período.

Um dos aspectos que conferem grande relevância às pesquisas sobre o teatro é que ele apresenta uma capacidade de construção crítica e reflexivas do indivíduo, trabalhando questões sociais e cotidianas que apresentam os modos de vida da sociedade e das mais variadas classes sociais.

Para Boal, *teatro é ação*. Pode não ser revolucionário, mas é um ensaio da revolução. Seu objetivo é fazer com que o ‘espectador’, nas experiências de ‘teatro-foro’, interrompa a ação dramática, incorporando-se àqueles que a conduzem, formulando, através de representação, a sua compreensão e capacidade de agir<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup>CAMPELO, Ací. **Dramaturgia do Teatro Piauiense**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

<sup>7</sup>PEIXOTO, Fernando. **O que é teatro**. 7.ed. Editora Brasiliense, 1985, p. 21. Grifo do autor.

Sendo assim, a título de exemplo sobre a influência do teatro para esclarecimento e conscientização de uma sociedade e a atuação dos órgãos governamentais para impedir sua atuação para a formação de um senso crítico social em um período ditatorial, esta arte, no período da ditadura militar (1964-1984), recebeu grande atenção por parte dos militares e, principalmente, do setor concernente à censura, pois um teatro crítico que apresenta peças reflexivas é temido pelos órgãos de repressão, pois podem despertar na sociedade um desejo de mudanças e transformações da realidade social e política.

A partir dessas características, não só no Piauí, mas no Brasil, principalmente no eixo Rio-São Paulo, foi presente a atuação desses órgãos censuradores dificultando a criação artística e cultural no período da ditadura militar. Porém, mesmo com a atuação dos órgãos de repressão, foi presente nos ideais dos artistas da época combater, através da arte, o regime político.

Conforme apresenta Fernando Peixoto sobre a utilização do teatro como meio de problematizar a vida e história do povo, em seu texto sobre a atuação de Frederico Garcia Lorca, na transição política da Monarquia para a República na Espanha, até ser fuzilado, em 1936, pelas tropas do general Francisco Franco no período da Guerra Civil espanhola (1936-1939), este utilizou o grupo **La Barraca** como instrumento para aguçar a sensibilidade artística e teatral do povo e dar uma nova criticidade e sensibilidade em relação ao sentido da vida cotidiana, ocorrendo uma preocupação dos governantes com a atuação do grupo nesse referido período histórico, ele aponta para a necessidade da presença de um teatro para o desenvolvimento cultural de um povo, pois:

Lorca está certo que o público busca espetáculos de nível superior, espetáculos onde aprenda, onde encontre autoridade no sentido de ganhar conhecimentos e vivências novas. Por isso defende o teatro como ‘ação social’: ‘o teatro é um dos mais expressivos e úteis instrumentos para a edificação de um país. É o barômetro que marca sua grandeza ou sua decadência. Um teatro sensível e bem orientado em todos os seus aspectos, da tragédia ao *vaudeville*, pode em poucos anos transformar a sensibilidade de um povo; e um teatro desorganizado, sem asas para voar, pode destruir e adormecer uma nação inteira’<sup>8</sup>.

Dessa forma, o teatro aparece como uma ação social, um instrumento utilizado para esclarecer e dar consciência as massas, e na perspectiva de Lorca, que tinha como objetivo a vinculação entre o teatro e a classe trabalhadora, ele acreditava que o público se interessava por peças onde podia aprender, onde encontrava autoridade no sentido de ganhar experiências

---

<sup>8</sup>PEIXOTO, Fernando. Teatro ao encontro do povo. In: RAMOS, Alcides; PEIXOTO, Fernando; PATRIOTA, Rosângela. (Orgs.). **A história invade a cena**. São Paulo: 2008, p. 24.

e vivências novas, pois retratar a vida do povo, seus saberes, alegrias, amores, dores, tristezas, angústias, tinham a necessidade de despertar uma consciência crítica e apresentar as adversidades enfrentadas pelo povo no transcurso da história. Nessa perspectiva, podemos enxergar conforme os diálogos estabelecidos anteriormente, que o teatro é o meio que atua e transforma a consciência de um povo.

Diante disso, a presente pesquisa vem a contribuir para projetar esta vasta experiência artística e seus protagonistas, em meio às tensões sociais e produções culturais, entre a primeira e segunda metade do século XX, objetivando fornecer e ampliar cada vez mais as pesquisas referentes à arte teatral no Piauí, especificamente, entre a presença da arte engajada na sociedade picoense dos fins dos anos 1940 e 1950, analisando as táticas e estratégias empreendidas pelos artistas para dar bases aos seus propósitos de dialogar com o povo por meio de encenações teatrais problematizadoras do cotidiano e da exploração do trabalhador rural.

A pesquisa enfoca a luta dos jovens estudantes do Ginásio Estadual Picoense (GEP), que através da formação do Grêmio Literário Da Costa e Silva (GLDCS), fruto de um das primeiras formas de representação da arte teatral em Picos, que eram as apresentações e representações teatrais de peças nas escolas picoenses, marcado por um encontro de jovens, que tem como pessoa central nessa pesquisa, a figura de Olívia Rufino, que narra a sua participação e atuação nesse cenário histórico e cultural.

Ela descreve a atuação desses jovens que produziram peças teatrais que tinham como finalidade lutar contra o coronelismo e o predomínio político e cultural das famílias tradicionais, sobre as classes menos afortunadas. Nesse sentido, para a análise desses aspectos, é necessário um diálogo entre as experiências de vida de Olívia Rufino e a perspectiva da **Nova História Cultural**, na análise de Sandra Jatahy Pesavento.

Em termos gerais, pode-se dizer que a proposta da História Cultural, seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio de suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressam a si próprios e o mundo<sup>9</sup>.

Diante disso, o trabalho busca através das representações cênicas desenvolvidas no palco do teatro, possibilitar enxergar novos aspectos e perspectivas sobre o âmbito sociocultural picoense, demonstrando por meio do estudo sobre o teatro, a maneira como a linguagem artística pode ser utilizada para compreender as formas e características que compõem uma determinada sociedade, no caso, a sociedade picoense, evidenciando a

---

<sup>9</sup>PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2. ed. São Paulo: Autêntica, 2005, p. 41.

potencialidade de proporcionar formas de ver o mundo e compreender sua história, utilizando fontes não oficiais, como, depoimentos de artistas que vivenciaram o período histórico compreendido no recorte da pesquisa, e que adquirem propriedade nas suas narrativas por terem experienciado de maneira prática à vida na cidade de Picos, habitando este cenário social e construindo suas histórias em espaços, como escolas, a Praça Félix Pacheco, as igrejas e demais espaços de lazer e sociabilidades que possibilitaram a construção da história e a preservação das experiências de vida desses jovens, desenvolvidas nas décadas de 1940 e 1950.

Pretendo mostrar novos olhares e linguagens sobre o período, a partir de entrevistas audiovisuais, com protagonistas que até então nunca haviam se manifestado, propondo novas linhas de investigação, possibilidades de utilização de fontes históricas variadas, referenciais teóricos e procedimentos metodológicos que possam contribuir para a ampliação do conhecimento histórico sobre o teatro piauiense e acerca da história da cidade de Picos nos referidos períodos citados.

Como objeto principal de análise sobre a pesquisa estão as artes teatrais, pois elas fazem um intermédio com a vida e as experiências sociais dos homens, pois na cena do palco, o principal aspecto representado é a vida do homem retratado nas suas múltiplas possibilidades e anseios, visto sobre o aspecto político, social, econômico e cultural.

O teatro é concebido em sua forma original como a situação na cena do mundo. Uma representação do cotidiano, manifestada sob o olhar do autor, que etimologicamente é aquele que gera, fecunda faz nascer a possibilidade do olhar novo, capaz de desvelar mascaradas, de desnudar e exhibir atitudes, comportamentos e valores, admiráveis ou ridículos, de (re) descobrir o não-dito, os vazios, de revelar a expressividade dos silêncios, a penumbra da memória, expressões do inconsciente<sup>10</sup>.

Em grande parte do território nacional e do Estado do Piauí ocorreram expressivas contribuições do teatro na vida e na organização social, pois a arte teatral representa os modos de vida e os anseios da sociedade através de sua associação às questões sociais, criando, com isso, uma estratégia própria para a discussão e debate dos problemas existentes e que fazem parte da realidade cotidiana brasileira e picoense. O teatro foi e ainda é importante não só como meio de lazer e sociabilidade, mas, acima de tudo, para a construção crítica do indivíduo e do próprio espaço.

---

<sup>10</sup>NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa. Apropriações do Teatro Piauiense na Primeira República. In: CASTELO BRANCO, Julinete Vieira; SOLON, Daniel Vasconcelos. (Orgs.). **Histórias em Poliedros**: Cultura, Cidade e Memória. Teresina: EDUFPI, 2008, p. 127.



Segundo Fernando Peixoto,

Para Lorca, o teatro é o mais eficiente instrumento de educação popular e visceralmente pertence ao povo, a quem é necessário buscar para promover a justa e obrigatória restituição. Chega a afirmar que sem teatro ‘o povo sofre como se tivesse perdido os olhos ou os ouvidos ou o sentido do paladar’<sup>11</sup>.

Podemos perceber que a história do teatro aponta para uma proximidade em relação à história do povo, sendo um dos meios para propor uma educação voltada para a formação de valores e tomada de consciência do indivíduo sobre sua realidade cotidiana e sobre as múltiplas manifestações culturais que permeiam a história de uma sociedade, pois, o objeto de análise nessas produções são as representações das experiências sociais do povo em conflito com aquilo que está imposto por estruturas sociais tradicionais e as ações do homem, revelando através do teatro, a cultura, a religião, as ideologias políticas e sociais, e os costumes que são empreendidas pelo homem no tempo.

Um exemplo sobre a força do teatro e sua relação com a sociedade foi à atuação da repressão política no período da ditadura militar no contexto nacional, onde muitos artistas foram silenciados e exilados por se colocarem contra este regime, deixando de contribuir enormemente na promoção cultural do país, como também, no Piauí, através dos debates políticos que seriam proporcionados e que propiciariam a formação de novos saberes e de uma consciência crítica formadora de opinião.

Porém, em Picos, podemos analisar que a perspectiva do engajamento político nas encenações teatrais, foi presente de maneira acentuada na primeira metade do século XX, através da Grêmio Literário Da Costa e Silva, composto por Ozildo Albano, Olívia Rufino, entre outros, que por meio das suas experiências juvenis no Ginásio Estadual Picoense, localizada na Praça Josino Ferreira, centro de Picos, tinham como estandarte a luta contra o domínio político das famílias tradicionais picoenses, mas vale destacar que mesmo sendo um teatro politizado e crítico não chegaram a receber nenhuma repressão por parte das autoridades política locais.

Para a construção deste trabalho são importantes diversos procedimentos da pesquisa histórica. O primeiro está relacionado à leitura do referencial bibliográfico, acervos pessoais e depoimentos orais de artistas picoenses, que residem no Estado, através da utilização do método da história oral, buscando assim uma aproximação com objeto de pesquisa.

---

<sup>11</sup>PEIXOTO, Fernando. Teatro ao encontro do povo. In: RAMOS, Alcides; PEIXOTO, Fernando; PATRIOTA, Rosângela. (Orgs.). **A história invade a cena**. São Paulo: 2008, p. 17.

A história oral foi de suma importância no desenvolvimento da pesquisa, por possibilitar enxergar e entender uma história que não faz parte da história oficial, e principalmente, devido à falta de preservação dos textos e roteiros das peças teatrais pelo grupo teatral do Grêmio Literário Da Costa e Silva, pois sem a sua utilização não seria possível apresentar as experiências desenvolvidas por esses artistas e a importância dos mesmos para a fomentação cultural na cidade.

Sobre a importância da história oral e sua utilização como um recurso para o desenvolvimento da pesquisa histórica e da compreensão de um determinado período da história de uma sociedade, Lucilia de Almeida Neves Delgado, diz que,

o maior desafio da história oral, tomando como empréstimo a interpretação de Benjamin (1994) sobre a memória, é contribuir para que as lembranças continuem vivas e atualizadas, não se transformando em exaltação ou crítica pura e simples do que passou, mas, sim, em meio de vida, em procura permanente de escombros, que possam contribuir para estimular e reativar o diálogo do presente com o passado<sup>12</sup>.

De acordo com a citação acima, podemos compreender a potencialidade existente no trabalho que utiliza fontes orais, para revelar lacunas que não são preenchidas pelas fontes documentais, pois a história oral possibilita revisitar cenários que por muito tempo foram esquecidos e relegados ao porão da história, pelo fato de não interessarem ao estudo da história oficial do Estado, onde por muito tempo aspectos que fazem parte da vida do povo comum, seus anseios, experiências, conflitos e sua vida cotidiana não eram exploradas no trabalho do historiador.

A história oral se apresenta como a possibilidade de revelar novos diálogos da história da vida do povo, devido ser permeada pelas experiências de pessoas que vivenciaram um determinado período histórico e trazem nas suas lembranças, o passado de uma época e os aspectos socioculturais experienciados no cenário de uma sociedade, que nessa pesquisa, contempla a sociedade picoense no período do final da década de 1940 e início da década de 1950, onde foram presente as experiências sociais e culturais desenvolvidas em cenários da cidade de Picos, por esses jovens artistas, articuladas a própria história do município.

No que concerne à história da cultura e da sociedade, Mary Del Priore apresenta a possibilidade e a importância dos estudos sobre os aspectos culturais e a multiplicidade de fontes de pesquisa e interpretações no trabalho do historiador.

---

<sup>12</sup>DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 31.

A história da vida cotidiana e privada é, finalmente, a história dos pequenos prazeres, dos detalhes quase invisíveis, dos dramas abafados, do banal, do insignificante, das coisas deixadas “de lado”. Mas nesse inventário de aparentes miudezas, reside a imensidão e a complexidade através da qual a história se faz e se reconcilia consigo mesma<sup>13</sup>.

Para o desenvolvimento do trabalho do historiador na realização de uma produção historiográfica, podemos perceber que existe uma multiplicidade de fontes de pesquisa, que possibilitam ao pesquisador lançar novos olhares sobre temas que fazem parte da vida e da cultura da sociedade. Cabe ao historiador tentar extrair a potencialidade desse universo de temas que fazem parte do trabalho com a pesquisa histórica, mostrando que as ações do homem no tempo fazem parte da história e são vestígios para sua construção.

Em seguida, como método de pesquisa, foi presente a elaboração de fichamentos do material de leitura, objetivando disponibilizá-lo como instrumento de pesquisa para outros pesquisadores interessados no tema. Porém, não foi encontrada uma grande quantidade de fontes documentais referentes ao teatro picoense, sendo a maior parte da pesquisa composta por fontes orais, pois nem todo material estava disponibilizado, visto que poucos artistas preservaram documentação das suas experiências teatrais.

O trabalho tem como suporte teórico e metodológico para sua composição a perspectiva da história oral, utilizando o método da entrevista temática e da trajetória de vida dos personagens, que marcaram a cena teatral do período. Sobre a entrevista temática, Delgado as caracteriza da seguinte maneira:

São entrevistas que se referem a experiências ou processos específicos vividos ou testemunhados pelos entrevistados. As entrevistas temáticas podem, por exemplo, constituir-se em desdobramentos dos depoimentos de história de vida, ou compor um elenco específico vinculado a um projeto de pesquisa, a uma dissertação de mestrado ou a uma tese de doutoramento<sup>14</sup>.

A utilização da metodologia da entrevista temática, no que concerne a história do teatro picoense, é um método presente no enredo das entrevistas realizadas com os protagonistas que representaram o teatro nas escolas da educação básica, devido essa história ser construída a partir da ótica feminina e sua atuação nesse referido período histórico. Temos como objeto analisar as especificidades do universo cultural nesses espaços, como também, suas formações pessoais, os lazeres e sociabilidades voltados especificamente para a perspectiva do teatro.

---

<sup>13</sup>DEL PRIORE, Mary. História do cotidiano e da vida privada. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, p. 274.

<sup>14</sup>DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 22.

Sobre a importância da trajetória de vida é necessário a utilização desse método para entender o lugar social da fala do entrevistado e principalmente para compreender, no que concerne ao teatro, os fatores que contribuíram e impulsionaram os artistas para o desenvolvimento das artes cênicas no cenário picoense.

As trajetórias de vida são depoimentos de história de vida mais sucintos e menos detalhados. A opção por essa modalidade de entrevista acontece quando o depoente dispõe de pouco tempo para a entrevista, mas o pesquisador considera importante para os objetivos da pesquisa recuperar sua trajetória de vida<sup>15</sup>.

Nesse sentido, os relatos de trajetória de vida dos entrevistados são de suma importância, pois estes, além de conhecerem a história do período, a vivenciaram, sendo consideradas testemunhas oculares desse momento histórico. Para realização das entrevistas audiovisuais, foi necessário um levantamento bibliográfico e, através deste, a elaboração de um roteiro de perguntas a serem feitas aos entrevistados.

Outra aspecto de suma relevância no que concerne a realização de entrevistas orais, é a preparação de um roteiro prévio com indagações que possam auxiliar na busca por respostas que tragam à tona as experiências desenvolvidas por os artistas locais, e através de perguntas que abordam suas trajetórias de vida podemos entender o contexto histórico e o lugar social de fala dos entrevistados, compreendendo a mediação entre os relatos orais e a bibliografia consultada sobre o período histórico analisado.

Entre alguns desses personagens está a senhora Olívia da Silva Rufino Borges, que foi uma importante atriz e integrante dos primeiros grupos teatrais, que juntamente com José Albano de Macêdo, o Ozildo Albano, e demais componentes das primeiras turmas do Ginásio Estadual Picoense, participaram desse processo histórico e realizaram espetáculos no cenário teatral picoense, que emprestaram os relatos das suas vivências de vida na busca da preservação da memória social e cultural nos contextos históricos abordados pela pesquisa.

Essa forma de pesquisa historiográfica foi possibilitada graças à modificação na historiografia proporcionada pela historiografia francesa no início do século XX, pois ela rompeu com a visão dogmática dos documentos oficiais empreendida pelo positivismo, como única fonte de pesquisa, passando a ocorrer a interação entre a história e as demais ciências, como a antropologia, arqueologia, sociologia e geografia, possibilitando, no caso, a história

---

<sup>15</sup>DELGADO, 2006, p. 22.

oral a dar margem, ou seja, voz àqueles que presenciaram um determinado momento histórico.

Nesse sentido, objetivo demonstrar no desenvolvimento da pesquisa a relação entre o teatro e a pesquisa histórica através da análise das peças desenvolvidas pelo grupo teatral do Grêmio Literário Da Costa e Silva, e sua relação e influência no contexto dos anos 1950, caracterizando a importância do teatro como fonte de pesquisa para a produção historiográfica.

## 2 O CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL DE PICOS ENTRE OS ANOS 1940 E 1950

A cidade de Picos entre o fim década de 1940 e início de 1950 se caracterizou como um núcleo urbano ligado diretamente ao meio rural, apresentando como principais características a relação entre trabalho, lazer e sociabilidade, suas principais práticas existentes eram a agropecuária e o comércio, tendo a igreja e a praça como os espaços de sociabilidade nesse contexto.

Segundo Renato Duarte,

A vida em Picos na passagem da década de 40 para os anos 50 tinha a pacatez e o aspecto provinciano de um aglomerado urbano quase-rural [sic]. De acordo com o IBGE, a população do município era, em 1950, de 54. 713 habitantes, sendo que apenas 50. 145 (91, 65%) viviam na zona rural e apenas 4. 568 (8, 35%) tinham domicílio na área urbana. Pela sua localização, que fazia dela um centro de convergência de estradas de rodagem – por rudimentares que fossem naquela época – e de caminhos, e por estar situadas em uma das áreas de maior potencialidade agropecuária do Piauí, a cidade sempre demonstrou uma nítida vocação comercial. Em traços gerais, a estrutura econômica do município não diferia muito da de hoje [1955]: a agropecuária e o comércio eram atividades dominantes, e a feira já era, então, uma das maiores do sertão nordestino. Havia, também, unidades industriais processadoras de matérias-primas locais: usinas de beneficiamento de algodão, arroz, cera de carnaúba e maniçoba; fábricas de cigarros, de sabão, de redes; curtumes, padarias, alambiques, olarias, casas-de-farinhas e engenhos-de-cana. Existia, já então, um variado artesanato utilitário que usava como matérias-primas o couro (na fabricação de malas de carga e dos apetrechos usados pelos cavaleiros, arreiros, seleiros e vaqueiros), a palha (amplamente utilizada para a confecção de artigos variados, tais como jacá, surrão, cofo, uru, caçuá, esteira, tapeti, urupemba, peneira, chapéu, abanador), caroá (rede, manta, corda, erreio, cabresto, tarrafa), barro (pote, panela, alguidar), tabatinga (quartinha, prato, tigela), flandres (chaleira, marmita, candeeiro, caneco) etc, etc<sup>1</sup>.

De acordo com Duarte (1995), a cidade de Picos tinha como principal destaque na área comercial, a produção de gêneros agropecuários, alho, cebola, sabão, cigarros, cera de carnaúba, arroz, dentre outros produtos, que caracterizam a relação existente entre o meio urbano e rural, sendo alguns instrumentos de trabalho produzidos e trazidos à cidade para serem comercializados na feira livre, que era marcada pelo encontro de pessoas das várias regiões circunvizinhas da cidade, que traziam seus produtos muitas vezes em celas de animais para serem comercializados, formando uma relação entre trabalho e sociabilidade através do encontro dessa multiplicidade de pessoas de lugares interioranos, que dinamizavam o comércio na cidade e o tornavam famoso em todo o Estado do Piauí.

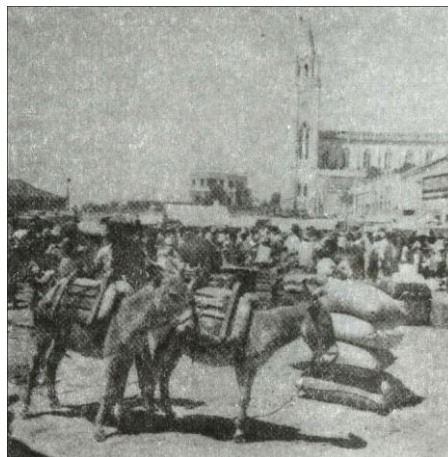
---

<sup>1</sup>DUARTE, Renato. **Picos: os verdes anos cinquenta**. 2. ed. Recife: Gráfica Editora Nordeste, 1995, p. 43-44.

Segundo Dona Raimunda Nonata da Silva<sup>2</sup>,

o comércio aqui em Picos era muito forte, a feira de Picos era falada no mundo inteiro, era muito falada, antes de eu vir morar aqui em Picos eu já sabia que a feira era muito conhecida meu marido veio cavar poço aqui nessa cidade e ficou muito admirado, Ave Maria ele teve a maior admiração do mundo pela feira de Picos, ele dizia: “Raimunda um dia eu te levo lá” [...] Quando eu vim morar aqui, eu percebi que o pessoal do interior vivia muito de roça, era a fonte de renda e também tinha algumas plantações de arroz na Ipueiras, algumas fazendas de gado e o povo levava alguns produtos como arroz, leite para vender, mais o povo vivia mesmo de roça, de plantar<sup>3</sup>.

De acordo com a fala acima, podemos perceber que a cidade de Picos teve como principal destaque econômico a comercialização de produtos agrícolas, produzidos em algumas partes da cidade, como o bairro Ipueiras, e também em regiões circunvizinhas, visto que, algumas dessas áreas eram cortadas pelo rio Guaribas, e o mesmo era essencial para o desenvolvimento das culturas agrícolas, como também da pecuária, prática bastante desenvolvida nas suas margens, que via no Guaribas um elemento essencial para a garantia do desenvolvimento do município. Outro aspecto também presente foi a importância da feira livre, pois conforme aponta Dona Raimunda Nonata da Silva, grande parte dos agricultores da região, vinham comercializar seus gêneros agrônômicos no espaço da feira municipal, na região próxima à Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios, trazendo nas celas dos seus animais, geralmente burros e jumentos, os produtos para serem comercializados, como é possível perceber na imagem abaixo registrada pelo fotógrafo Cristino Saraiva Varão.



**Fotografia 01:** Encontro de comerciantes na feira livre  
Fonte: Acervo Foto Varão

<sup>2</sup>Dona Raimunda Nonata da Silva tem 87 anos é natural de Piripiri-PI, é dona de casa e mora em Picos a meio século.

<sup>3</sup>SILVA, Raimunda Nonata da. Depoimento concedido a José Waldir de Sousa Moura Júnior e Francisco José da Silva, Picos-PI, 2008.

A fotografia anterior apresenta também a proximidade entre o espaço econômico e o espaço religioso, explicitado na imagem acima, com a catedral ao fundo da área utilizada pelos comerciantes para o intercâmbio dos seus produtos. Muitos produtos já eram trazidos para a cidade ensacados e vendidos em algumas medidas precisas, como o prato, o litro, que são medidas de uso corrente do homem do campo, até hoje utilizadas na cidade.

As ruas adjacentes à área onde funcionava a feira eram transformados em verdadeiros currais onde os feirantes – ou matutos, como eram chamados – prendiam os seus animais de carga e montaria. Vale fazer alguns parênteses aqui para esclarecer que eram chamadas de matutos aquelas pessoas que moravam no **mato**, ou seja, no campo, em contraste com os habitantes da cidade, ditos **da rua**, ou **praciantes**. As pessoas **do mato**, quando se destacavam até à cidade, diziam que estavam indo para **a rua**<sup>4</sup>.

Diante desses dados, é notória a relação do aspecto rural e a presença da agricultura no universo econômico e cultural da cidade, existindo até expressões populares que definem bem as diferenças entre o urbano e o rural, como é o caso das expressões **do mato** e **da rua**, que caracterizam os contrastes entre as pessoas do campo e da cidade, e ainda definem o seu modo de ser e agir nesse ambiente.

Outro espaço relevante que merece ser analisado por ter ampla contribuição no desenvolvimento da cidade de Picos nos anos 1940 e 1950 foi o rio Guaribas, rio de águas límpidas e cristalinas que potencializaram a produção agrícola e a garantia do ganho para muitas famílias.

Sobre a origem do nome do rio, segundo Firmino Libório Leal,

Guariba é o nome comum de várias espécies de macacos do gênero **Alouata**. Atribui-se a esses bugios Guaribas, o nome dado ao rio que outrora fora cristalino, caudaloso, piscoso, e que corta essas paragens. Esses macacos viviam em bandos nas margens do rio e foram dizimados pelos primeiros desbravadores que aportaram nesta região, permanecendo o nome de ‘Guaribas’ até os dias de hoje<sup>5</sup>.

Cenário importante na cidade de Picos, o rio Guaribas que era utilizado para produção de hortaliças plantadas nas vazantes de suas margens, sendo relevante para o desenvolvimento comercial e lazer da cidade, devido muitas pessoas utilizarem desse recurso natural para garantirem a sua subsistência, lavarem roupas, dar banho em crianças, para a criação de animais, onde muitos agricultores pegavam água do rio para atenuar a sede dos animais, e também para atividades lúdicas e de sociabilidades, como banhos e brincadeiras

<sup>4</sup>DUARTE, 1995, p. 68. Grifos do autor.

<sup>5</sup>LEAL, Firmino Libório. **Crônicas**: Vozes da Ribeira. Bocaina: Organizador, 2008, p. 34. Grifo nosso.

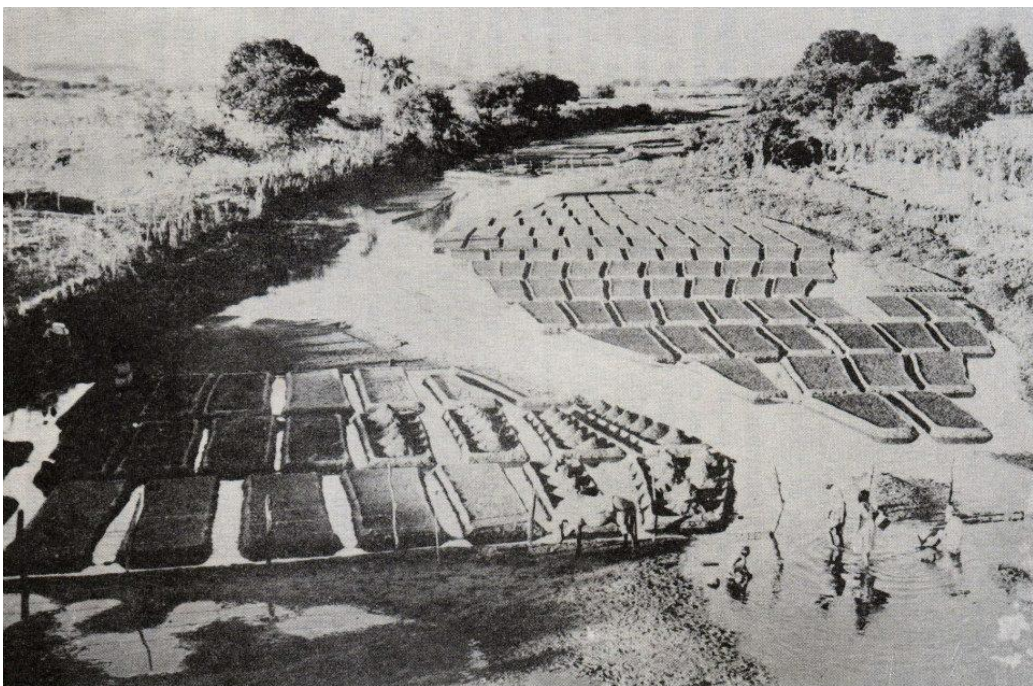


nos passagens onde existia uma maior concentração de água, tudo isso, regado pela criatividade dos habitantes da cidade.

Para Duarte,

A Picos do final da década de 40 e do início dos anos 50 era um pequeno núcleo urbano harmoniosamente integrado ao meio rural. Havia uma convivência estreita, íntima mesmo, entre o aglomerado urbano e o meio ambiente em torno. Até meados da década de 50, mesmo nos meses secos, Picos era cercada de verde, graças à existência de um cinturão de umidade que a envolvia quase que totalmente<sup>6</sup>.

A cidade de Picos conforme apontada na citação acima, era um pequeno núcleo urbano, que estava em constante proximidade com segmentos rurais das regiões circunvizinhas, e tinha como característica econômica a prática da agricultura explorada através da potencialidade e riqueza natural do seu rio, o Guaribas, que era um rio de águas cristalinas e perenes, que foram de suma importância para o desenvolvimento da prática do plantio de alho e cebola nas margens das suas vazantes, impulsionando a subsistência dos picoenses, assim como, a sua economia, como podemos exemplificar na imagem abaixo.



**Fotografia 02:** Vazante no rio Guaribas  
Fonte: Acervo Foto Varão

Essa é uma imagem que ilustra bem a importância do rio Guaribas para o desenvolvimento da agricultura por meio do sistema de vazantes, onde é possível observar

---

<sup>6</sup>DUARTE, 1995, p. 19.

agricultores, dentro do próprio rio, próximo a um cultivo de hortaliças, muito provavelmente alho, cebola, coentro e/ou alface. Outro elemento presente na imagem é a presença de uma mulher, caracterizando a existência da agricultura familiar. Ao pé de uma cerca é possível visualizar um cavalo, importante meio de transporte de pessoas e produtos. Nesse sentido, a imagem apresenta claramente uma cidade desvelada sob um véu de tecido rural, que teve o rio como um fator de extrema relevância para a garantia da subsistência de uma parcela da população picoense, que tirava seu sustento a partir da riqueza desse potencial hídrico.

O rio Guaribas também era um cenário explorado no labor diário das famílias menos afortunadas da sociedade de Picos, uma vez que sua água era necessária à lavagem de roupas, à provisão de água para as famílias mais pobres. Nas margens existiam práticas de lazer, pescarias e brincadeira infantis, dentre outras utilizações que fazem do Guaribas um marco de uma época.

Segundo Leal,

O rio Guaribas já foi celeiro agrícola. Além da linfa generosa que saciava a sede, o bondoso rio nos fornecia as safras de alho, cebola, legumes, pastagens etc. Foi com o fruto dessas safras colhidas no seu verdejante leito que muitos pais da família as tiraram o seu justo ganho<sup>7</sup>.

A partir daí, podemos notar que muitas pessoas da cidade de Picos utilizavam o rio Guaribas para diversas finalidades, sendo este considerado de suma importância para o desenvolvimento da cidade, “O importante desenvolvimento agrário, formado minifúndios com culturas de vazantes, lhe conferiu no ano de 1966, o título de Município Modelo do Piauí, pelo Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário – o INDA”<sup>8</sup>.

## 2.1 Lazer e sociabilidades

No que tange aos espaços de lazer e sociabilidades, que compõem a cidade de Picos nos anos 1950, a Praça Félix Pacheco é um desses espaços que merecem tal referência, por ter sido muito utilizada pelos cidadãos picoenses, pois lá era um cenário que grande parte da sociedade se reunia para comentar o cotidiano das experiências sociais desenvolvidas naquele contexto, onde eram presentes os desfiles e os flertes das moças e rapazes nas noites picoenses.

---

<sup>7</sup>LEAL. 2008, p. 34.

<sup>8</sup>OLIVEIRA, KARLA ÍNGRID PINHEIRO DE. **A geografia dos desejos: cidade, lazer, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960.** Monografia (Licenciatura Plena em História) \_ UFPI. Picos-PI: 2011. 78 fls., p. 20.

Segundo Duarte, “A Praça Félix Pacheco, além de ser, então, o único jardim público da cidade, combinava as funções de área comercial e residencial com a de local de socialização dos picoenses”<sup>9</sup>.

Nesse sentido, a Praça Félix Pacheco é considerada um dos lugares de memória por grande parte da sociedade de Picos, devido ser um lugar muito transitado pelos picoenses no dia-a-dia, e principalmente nos finais de semana, onde era presente a troca de olhares entre moças e rapazes, como também, os diálogos entre membros das famílias picoenses, que socializavam suas experiências de vida, e falavam sobre assuntos e coisas do cotidiano.

Havia sempre movimentação na praça nos fins de tarde e à noite. Nas manhãs de domingo o movimento crescia, mas era nas noites do sábado e do domingo que a praça se enchia de gente e de cores. Depoimentos de forasteiros, especialmente dos caixeiros-viajantes, confirmavam as opiniões de que em nenhuma outra cidade do interior nordestino as noites na praça principal tinham tanta movimentação e colorido quanto em Picos. A formação triangular do passeio público e as formas de ocupação do casario em torno favorecem a criação de uma interessante divisão de usos e funções da área, à noite. Na verdade, essa divisão era não somente de usos e funções, mas também de classes sociais, o que, por si só, já seria tema de interesse sociológico, ademais da revelação que faz de valores e comportamento da época<sup>10</sup>.

Como podemos perceber, o passeio público era de suma importância no desenvolvimento dos namoros e das sociabilidades em Picos, visto que, o que acontecia eram verdadeiros desfiles e troca de olhares entre os jovens da sociedade picoense, sendo a praça um ponto de encontro após as missas dos finais de semana, reunia uma vasta quantidade de pessoas, inclusive das regiões adjacentes à cidade de Picos.

Conforme aponta Duarte, outro elemento que podemos mencionar é a divisão social na ocupação desse espaço pela população, onde existiam espaços para as camadas mais abastadas e espaços para as camadas populares.

Esse espaço ficava cercado por casarões, bares e casas comerciais que davam um ar e um tom diferenciado as experiências e aos usos e costumes dos indivíduos que utilizavam e marcavam com sua vivência esse lugar.

Apesar da modernização urbana e das sucessivas modificações promovidas por vários gestores, o aspecto geográfico basilar do passeio público, nada mudou em sua constituição fundamental. A configuração de um triângulo, que oferece aos seus transeuntes a

---

<sup>9</sup>DUARTE, 1995, p. 35.

<sup>10</sup>DUARTE, 1995, p. 36.

possibilidade de visualização rápida dos anos 1950, permanece intocável nos contornos da praça na cidade atual, conforme possível ver na imagem seguinte.



**Fotografia 03:** Praça Félix Pacheco nos anos 1950  
Fonte: Acervo Foto Varão.

Podemos perceber conforme é explicitado na fotografia acima, a presença de uma arborização na praça, assim como muitos becos que eram utilizados pelos transeuntes, nos seus passeios, como vias de acesso rápido. Outra característica apresentada pela imagem é a existência de casarões e pontos comerciais, que davam maior dinamismo a composição e a utilização desse espaço, proporcionando um entretenimento maior à população picoense<sup>11</sup>.

Segundo Duarte:

Para os adolescentes e as crianças, as manhãs de domingo na praça eram igualmente divertidas: frequentavam-se os bares para tomar sorvete, refrigerante, bananada, abacatada, ou comer doce-de-leite, ‘peruar’ as partidas de sinuca e bilhar, passear na praça e, às 10 horas, assistir ao **matinal** em um dos dois cinemas. O Cine Guarany, mais antigo, tinha uma característica: cinco minutos antes de começar cada sessão, os alto-falantes do cinema tocavam a abertura da ópera **O Guarany**, de Carlos Gomes, anunciando o início da programação<sup>12</sup>.

<sup>11</sup> Foi nesse espaço que ocorreu na década de 1950, o enterro do inspetor escolar, mencionado por Olívia Rufino como **A maior das revoluções**, na Revista Foco, uma edição comemorativa dos 111 anos de Picos, fazendo referência a uma apresentação teatral organizada pelos estudantes do Ginásio Estadual Picoense, contra um fiscal da educação que não assinava os diplomas da primeira turma dessa instituição, sendo esta a única apresentação do grupo na praça, acontecimento que mencionarei no capítulo III.

<sup>12</sup> DUARTE, 1995, p. 74.

De acordo com o que é apresentado por Duarte, a Praça Félix Pacheco e os comércios que ficavam a sua volta eram responsáveis por dar uma movimentação a esse espaço urbano através de atrativos culturais como o cinema, os bares ao redor, onde eram praticados jogos de sinuca, baralho, dominó, considerados jogos de azar que eram apreciados por uma parcela da população masculina da cidade, onde era comum a presença de espectadores que se divertiam contemplando as disputas nas jogatinas.

A praça também era um espaço utilizado pela juventude intelectual de Picos, principalmente, pelos alunos do Ginásio Estadual Picoense, Grupo Escolar Coelho Rodrigues e Instituto Monsenhor Hipólito, que utilizavam esse espaço para discutir os saberes adquiridos nessas instituições de ensino, leituras sobre obras da literatura francesa e brasileira, como também o impacto de suas produções culturais na cidade de Picos, como por exemplo, a repercussão das peças teatrais desenvolvidas no Colégio das Irmãs e no Ginásio Estadual Picoense, neste último, desenvolvidos pelo grupo de teatro do Grêmio Literário Da Costa e Silva, do qual, participaram amplamente as figuras de Ozildo Albano, Olívia Rufino, Dimas, Odonel, Taís, dentre outros que utilizaram as artes cênicas na busca de adquirir um capital para a fundação do jornal **Flâmula**, o qual especificarei em capítulo posterior deste trabalho, a importância das suas atuações na fomentação cultural da cidade de Picos.

Conforme aponta Olívia Rufino sobre a importância da Praça Félix Pacheco no contexto dos anos 1950:

A praça Félix Pacheco, única da cidade na época, era justamente o começo, o meio e o fim de tudo. A gente se reunia na praça pra planejar, e depois se reunia na praça pra executar, e se reunia na praça depois pra ver os resultados que a gente havia obtido do trabalho, da insurreição que a gente promovia<sup>13</sup>.

De acordo com a artista Olívia Rufino, podemos compreender a importância da Praça Félix Pacheco no cenário sociocultural picoense da época, a partir da seguinte definição, “A Praça Félix Pacheco, era [...] o começo, o meio e o fim de tudo”, resumindo claramente a relevância desse local para os lazeres e sociabilidades, as discussões políticas, e as problematizações teatrais desenvolvidas pelos ginásianos integrantes do Grupo Teatral do Grêmio Literário Da Costa e Silva entre anos de 1951 a 1954, visto que os resultados dos movimentos e empreendimentos feitos pelos jovens da época, como por exemplo, os artigos

---

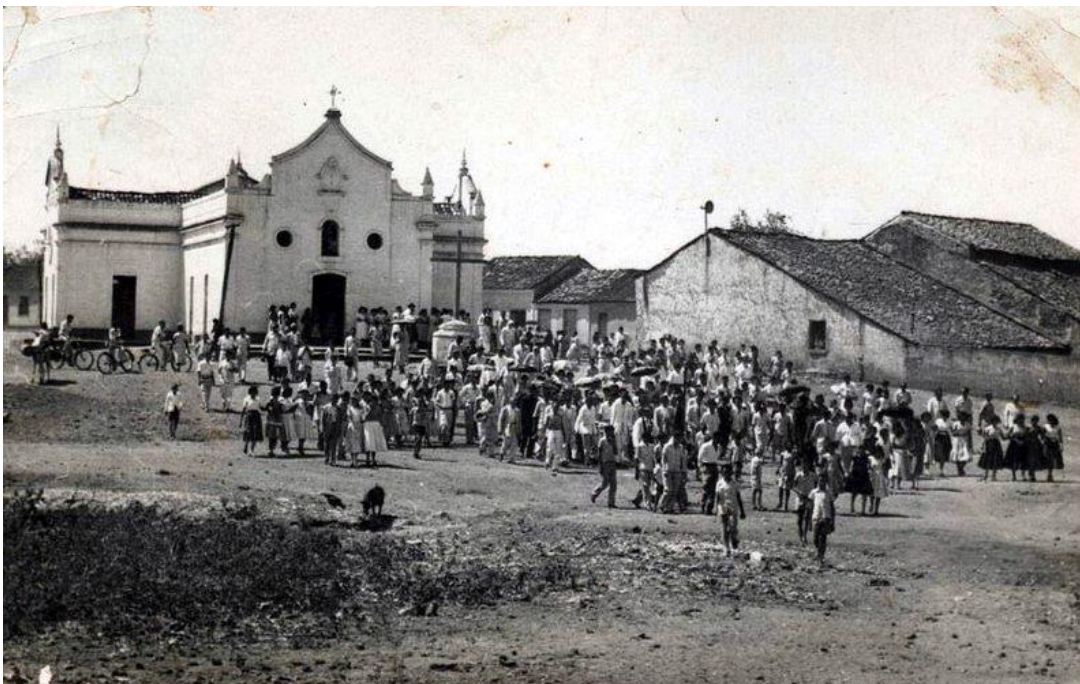
<sup>13</sup>RUFINO, Olívia. Depoimento concedido a José Waldir de Sousa Moura Júnior e Eduardo Henrique Barbosa de Almeida, Picos-PI, 2011.



escritos no **Flâmula** e as peças teatrais, eram mensurados nas discussões e conversas de calçadas entre a população picoense que frequentava esse espaço.

A cidade Picos também tinha como característica relevante à predominância cultural e religiosa do catolicismo, sendo as festas e folguedos em homenagem aos santos uma atividade que reunia a sociedade, tanto pelo seu aspecto religioso, quanto por ser um entretenimento para o povo picoense nas décadas de 1940 e 1950<sup>14</sup>.

Em relação às práticas de lazer da juventude picoense, além das vinculadas ao espaço da Praça Félix Pacheco, podemos destacar a festas organizadas nos pequenos clubes da cidade, e principalmente, as festividades religiosas. As principais festas religiosas eram em alusão à padroeira da cidade, Nossa Senhora dos Remédios, a missa de natal, quermesses, leilões, as festas juninas, em homenagem a São João, São Pedro e Santo Antônio, a malhação de Judas na Semana Santa, a procissão de Bom Jesus do Passos, sendo esses eventos marcados pela linha do sagrado, por serem organizados pelas comunidades e pela Igreja Católica. Um exemplo dessa participação popular nas cerimônias religiosas é a imagem abaixo, que apresenta uma ampla presença de fieis na Igreja do Sagrado Coração de Jesus.



**Fotografia 04:** Encontro de fieis na Igreja do Sagrado Coração de Jesus  
Fonte: Acervo Foto Varão

---

<sup>14</sup>DUARTE, 1995.

A partir da imagem acima é possível enxergar a presença maciça dos munícipes picoenses no espaço da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, sendo estes um exemplo da relação entre a sociedade e a Igreja Católica, a partir da participação de todas as faixas etárias nas cerimônias religiosas, pois conforma a imagem vemos crianças, mulheres e homens adultos e idosos professando sua fé e cumprindo as tradições do cristianismo.

Já as festividades laicas, podemos destacar o São Gonçalo, os bailes de réveillon, o reisado, o carnaval, o desfile cívico de sete de setembro, os bailes nos cabarés, bingos, dentre outros eventos de menor expressão que eram organizados pela população em geral, que compõem a linha do profano<sup>15</sup>.

Sobre a importância da religiosidade e da relação da sociedade picoense com a doutrina católica, segundo Dona Raimunda Nonata da Silva:

A religião na cidade de Picos era a católica, todo mundo era católico, o povo era fervoroso, não acontecia nem essas coisas ruins que estão acontecendo em nosso mundo. A gente participava dos festejos da Igreja, da padroeira, das quermesses. Só para você ver a Igreja do Coração de Jesus, essa aqui da Avenida Getúlio Vargas, era lotada nos festejos. Era dia de domingo na matriz, na igreja do Coração de Jesus, tudo cheia. Era tradição, desde que eu cheguei aqui, é olha que eu já tenho quarenta e cinco anos que moro aqui<sup>16</sup>.

Como nos mostra Dona Raimunda, o povo de Picos tinha como predominância religiosa o vínculo com o cristianismo da Igreja Católica Apostólica Romana, participando ativamente das cerimônias religiosas e eventos promovidos pela Igreja, visto a um só tempo como atividades religiosas, de lazer, solidariedade e sociabilidades, uma vez que mobilizava um grande contingente de pessoas e alterava a monotonia do cotidiano rural da cidade.

É nesse universo cultural da cidade de Picos, dos anos 1940 e 1950 que eclodiram as primeiras manifestações teatrais na cidade de Picos, como uma forma de gerar lazer, arte, cultura e criticidade na população picoense, como uma forma de alterar e dar uma nova dinâmica ao jogo social do município.

A partir desse contexto sociocultural, é que iremos analisar as primeiras produções teatrais na cidade de Picos, desenvolvidas no Instituto Monsenhor Hipólito e no Ginásio Estadual Picoense, sob a ótica de Olívia Rufino. A análise do contexto sociocultural é de

---

<sup>15</sup>Para mais informações ver DUARTE, 1995.

<sup>16</sup>SILVA, Raimunda Nonata da. Depoimento concedido a José Waldir de Sousa Moura Júnior e Francisco José da Silva, Picos-PI, 2008.

suma importância para compreender o universo de atuação do grupo, seus objetivos, como também os costumes e tradições que faziam parte do dia-a-dia da sociedade.

Diante disso, iremos avaliar as manifestações teatrais na cidade de Picos, sob a perspectiva de um teatro crítico que satirizava os usos e costumes das relações de poder presentes nas sociabilidades entre patrões e empregados no espaço agrícola e rural da cidade, onde as peças representavam a vida e as formas de trabalho e exploração da população oprimida.

Dentro desse contexto, podemos perceber que o teatro na cidade de Picos, além de ter como objetivo gerar uma consciência crítica nos expectadores era apreciado como uma atividade de lazer pela população picoense, que via nessas apresentações uma possibilidade de romper com a inércia da vida cotidiana, através de uma forma de entretenimento e diversão.



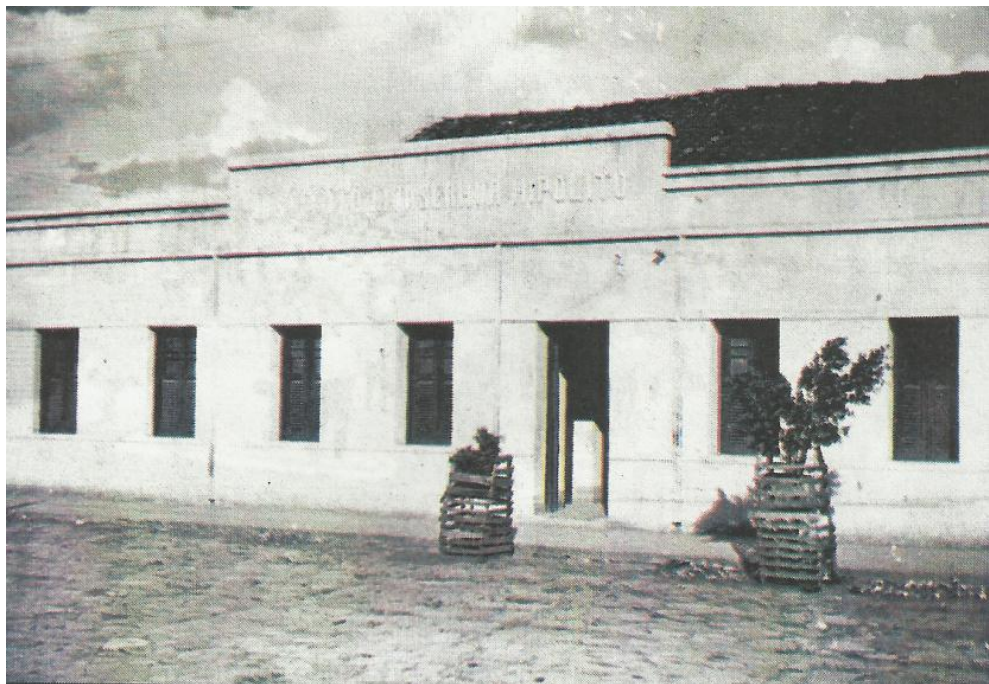
### 3 MANIFESTAÇÕES E REPRESENTAÇÕES TEATRAIS NO COLÉGIO DAS IRMÃS (IMH) E NO GINÁSIO ESTADUAL PICOENSE, SOB A ÓTICA DE OLÍVIA RUFINO

#### 3.1 O nascimento da artista

Depois de analisados alguns dos aspectos que caracterizam a cidade de Picos do final dos anos 1940 e início dos anos 1950, é necessário apresentar um pouco da história do teatro picoense, através das produções cênicas desenvolvidas no Instituto Monsenhor Hipólito, e posteriormente, no Ginásio Estadual Picoense, pelo Grupo de Teatro do Grêmio Literário Da Costa e Silva, sob a perspectiva de Olívia Rufino e descrever as apresentações e representações teatrais empreendidas nesse espaço da cidade.

As primeiras manifestações e representações teatrais na cidade de Picos foram empreendidas e estão associadas às escolas que trabalhavam com a educação básica, como é o caso das instituições que Olívia da Silva Rufino Borges estudou na década de 40 e 50 do século XX, que eram o Instituto Monsenhor Hipólito (IMH), conhecido popularmente na cidade como Colégio das Irmãs e no Ginásio Estadual Picoense (GEP).

Abaixo podemos observar uma fotografia do primeiro prédio onde funcionou na cidade de Picos o Colégio das Irmãs, que ficava na Rua Grande, hoje Avenida Getúlio Vargas. Era um prédio de fachada simples e várias janelas.



**Fotografia 05:** Colégio das Irmãs na década de 1950, Av. Getúlio Vargas  
Fonte: Museu Ozildo Albano

Nessas instituições foi presente a utilização do teatro como prática educativa que tinha como finalidade dar mais dinâmica à educação e facilitar a obtenção do ensino aprendizagem por parte dos docentes, uma vez que, ao representarem as peças os jovens adquirem uma consciência crítica e reflexiva sobre sua realidade social e cotidiana, como também internalizam aspectos essenciais à formação da pessoa humana.

A respeito da importância do teatro como instrumento pedagógico, Olga Reverbel afirma:

O ensino de teatro é fundamental, pois, através dos jogos de imitação e criação, a criança é estimulada a descobrir gradualmente a si própria, ao outro e ao mundo que a rodeia. E ao longo do caminho das descobertas vai se desenvolvendo concomitantemente a aprendizagem da arte e das demais disciplinas<sup>1</sup>.

Como nos mostra Reverbel, o teatro é um instrumento que pode ser utilizado como recurso metodológico no desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem, pois, associa e produz uma relação de proximidade do ator com os dilemas, a realidade social, o cotidiano, as desigualdades sociais, e principalmente, no que concerne ao ensino, os conteúdos ministrados em sala aula.

Foi a partir dessa associação entre escola, teatro e ensino que ocorreram as primeiras manifestações artísticas na cidade de Picos, sendo as artes cênicas exploradas nas suas potencialidades de representação do dia-a-dia dos jovens e adolescentes que fizeram parte do Colégio das Irmãs e do Ginásio Estadual Picoense.

Sobre a importância das representações e sua relação com o cotidiano de uma sociedade, para Sandra Jatahy Pesavento:

As representações são também portadoras do símbolo, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão. Há, no caso de fazer ver uma imagem simbólica, a necessidade de decifração e do conhecimento de códigos de interpretação, mas estes revelam coerência de sentido pela sua construção histórica e datada, dentro de um contexto dado no tempo<sup>2</sup>.

Podemos perceber que as representações das formas de vida e experiências sociais compreendidas pelo homem no seu cotidiano são os principais objetos presentes nas apresentações teatrais, desenvolvidas tanto no Colégio das Irmãs, como no Ginásio Estadual Picoense, pois os objetivos de algumas peças eram representar por meio do simbólico, formas

---

<sup>1</sup>REVERBEL, Olga Garcia. **Um caminho do teatro na escola**. Rio de Janeiro: Scipione, 1989. p. 25.

<sup>2</sup>PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2. ed. São Paulo: Autêntica, 2005, p. 41.

de opressão e desigualdades sociais presentes no contexto da década de 40 e 50 em Picos, e o teatro foi utilizado como uma imagem simbólica das ações e problemas sociais desses homens, buscando fazer com que esses indivíduos, trabalhadores rurais e pessoas menos afortunadas, percebessem a sua condição oprimida e explorada pelos chefes políticos locais, referidos por Olívia Rufino como “coronéis”, e a partir da encenação teatral tomem consciência das formas de exploração e despertem a percepção dos problemas sociais, aos quais eram submetidos. Nesse sentido, Rosângela Patriota apresenta as manifestações das artes cênicas, da seguinte maneira:

a arte passa a ser entendida como representação da realidade e comprometida com suas dimensões específicas, embora, em um sentido amplo, sempre aspire à abrangência. Em verdade, ela constrói significados que, do ponto de vista da luta política, tornam-se estratégias de controle no campo do simbólico<sup>3</sup>.

De acordo com o exposto, o Colégio das Irmãs foi de suma importância para fomentar a prática teatral na cidade de Picos e dar suporte teórico e embasamento artístico na formação da figura de Olívia Rufino, que ao estudar nessa instituição é inserida no cenário das representações teatrais e define a importância do Instituto Monsenhor Hipólito na sua vida e formação da seguinte forma:

Além dos estudos acadêmicos e religiosos, aprendi a bordar, fiz curso de datilografia e me tornei a dona do palco, onde cantei e apresentei como boa artista [...] E fiz interessantes peças teatrais, sob o comando da saudosa irmã Agostinha, a quem devo por ter perdido o acanhamento de me expressar em público. O povo pagava e a casa estava sempre cheia<sup>4</sup>.

O Colégio das Irmãs se caracteriza a partir da fala de Olívia Rufino como um espaço de educação que foi muito importante para a sua formação pessoal e cidadã, pois ela menciona os ensinamentos que aprendeu nessa instituição, como: bordar, datilografar, os ensinamentos religiosos, o canto, a poesia e o teatro. Podemos perceber que sua formação educacional foi permeada pela perspectiva da formação da futura dona do lar e mãe de família, ou seja, uma educação que tem como finalidade o ensino das prendas domésticas para

---

<sup>3</sup>PATRIOTA, Rosângela. O Teatro e o historiador: interlocuções entre linguagem artística e pesquisa histórica. In: RAMOS, Alcides; PEIXOTO, Fernando; PATRIOTA, Rosângela. (Orgs.). **A história invade a cena**. São Paulo: 2008, p. 41.

<sup>4</sup>RUFINO, Olívia. Depoimento concedido a Michele Ribeiro de Moura, Picos-PI, 2011. In: MOURA, MICHELE RIBEIRO DE. **A participação e a atuação da mulher na sociedade e política no século XX**: um ensaio biográfico de Olívia Rufino, em Picos-PI (1934-200). Monografia (Licenciatura Plena em História) \_ UFPI. Picos-PI: 2012. 132 fls., p. 30.

preparar as mulheres para serem boas mães e boas esposas, onde a principal meta feminina era o casamento.

Sobre a formação da mulher, para Raimunda Fontes de Moura, conhecida como Mundica Fontes:

Na minha época a mulher tinha que ser prendada, aprender prendas domésticas, como a gente tinha lá no ginásio; tinha prendas domésticas, para ensinar fazer bolo, pregar botão, costurar, fazer casa de camisa, preparar-se para ser futura dona de casa<sup>5</sup>.

Desta feita, percebemos que a educação feminina era focada no ensino de prendas domésticas, tendo como finalidade a formação para o matrimônio, a criação dos filhos, o cuidado com o marido e a presença constante no lar, sendo caracterizada uma educação peculiar para o sexo feminino.

O teatro aparece dentro desse contexto e perspectiva educacional como um dos agentes capaz de diminuir a timidez, e como ela mesma menciona o “acanhamento”, uma vez que, traz como essência no momento de uma apresentação cênica a exposição da pessoa humana representando personagens, que nos seus diálogos se encontram frente a frente com o público e representam seus modos de vida no palco teatral, desenvolvendo com isso, sua capacidade de se expressar em público.

Outro item presente na fala de Olívia Rufino é a presença do público nas apresentações teatrais, que eram empreendidas no Instituto Monsenhor Hipólito, que segundo ela, “a casa estava sempre cheia”, mostrando um claro interesse dos familiares e espectadores da sociedade picoense em comparecer e prestigiar os estudantes e artistas locais, que marcaram com a sua juventude e interesse pela promoção da cultura, as primeiras experiências cênicas, que ainda eram vinculadas ao espaço escolar.

No que concerne à relação entre a sociedade picoense e os jovens produtores de teatro da cidade, era comum, para a composição dos figurinos e cenários o empréstimo de roupas, calçados, acessório e mobiliário particular das famílias, para a criação, composição e ornamentação do palco onde eram realizadas as peças, onde muitas pessoas forneciam bens materiais e muitas sua força de trabalho e criatividade, pintando e elaborando alguns itens utilizados nessa produção.

---

<sup>5</sup>MOURA, Raimunda Fontes de. Depoimento concedido a José Waldir de Sousa Moura Júnior e Eduardo Henrique Barbosa de Almeida, Picos-PI, 2011.

Sobre a ornamentação do palco e composição dos cenários, conforme aponta Olívia Rufino:

A indumentária, aquelas roupas que a gente usava, tomava-se tudo emprestado de quem tinha roupa bonita na cidade, e todo mundo emprestava para a gente. Tomávamos emprestado o colar, tomava emprestado umas coisas do cabelo, as roupas, e as vezes até os calçados. Os figurinos a gente tomava emprestado e adaptava alguma coisa àquele estilo antigo. O cenário agente conseguiu algumas peças de papelão, onde a gente pintava alguma coisa de acordo com o que a gente queria representar. Aliás, na nossa turma alguns sabiam pintar muito bem. Eles se reuniam e nos ajudavam. Quem não se apresentava na peça ajudava em alguma coisa, transportar material, por exemplo<sup>6</sup>.

De acordo com a entrevistada, tanto no Colégio das Irmãs, como no Ginásio Estadual Picoense, existia o apoio de algumas famílias da cidade de Picos, para com os jovens artistas que realizavam o teatro, e cada pessoa buscava contribuir para a promoção da cultura local de acordo com a sua disponibilidade, criatividade e condição financeira.

Uma das peças teatrais realizadas no Colégio das Irmãs que marcou a carreira da jovem estudante Olívia Rufino, foi a peça que retrata a invasão dos holandeses no Brasil (1630-1654), conforme ela relata:

Olha eu encenei uma peça, que eu até já falei, que era a respeito da invasão holandesa. Sabe que eu outro dia tava me lembrando duma posição muito solene que eu adotei lá na peça, fui muito aplaudida lá, onde eu dizia pro Vidal, André Vidal de Negreiros, o maior combatente daquela época, eu dizia: “vai meu filho”, que eu representava a mãe dele; “morre pela pátria, que eu aqui fico para morrer por ela”. Me lembrava, tava me lembrando outro dia<sup>7</sup>.

Podemos observar que no palco do Colégio das Irmãs eram encenadas peças que se adaptavam aos conteúdos trabalhados em sala de aula, pois conforme apontado por Olívio Rufino, a peça que retratava as invasões holandesas no Brasil, refletia um momento da nossa história em que eles invadem o Estado de Pernambuco interessados no comércio açucareiro desenvolvido nos engenhos de cana-de-açúcar da região, permanecendo nesse Estado de 1630 a 1654, onde, mais especificamente, no contexto da peça, Olívia Rufino faz o papel da mãe de André Vidal de Negreiros, que foi um dos grandes líderes da luta e expulsão dos holandeses

---

<sup>6</sup>RUFINO, Olívia. Depoimento concedido a José Waldir de Sousa Moura Júnior e Eduardo Henrique Barbosa de Almeida, Picos-PI, 2011.

<sup>7</sup>RUFINO. Picos-PI, 2011.

do Brasil, na Batalha de Guararapes, em 1648, onde os holandeses derrotados iniciam sua retirada do território brasileiro, findando-a em 1654<sup>8</sup>.

É presente na interpretação de Olívia Rufino a intencionalidade contida na peça, não somente de interpretar esse período da história do Brasil, mas, formar valores como patriotismo, bravura, coragem, heroísmo, como aspectos que eram discutidos e retratados no universo teatral, com a finalidade de internalizá-los nos estudantes, sendo estes valores considerados necessários à formação do cidadão nesse contexto histórico.

Segundo Malafaia:

Podemos ressaltar a importância do teatro como meio, sobretudo de humanização, de desenvolvimento do indivíduo e seu potencial de comunicação com os outros indivíduos, mas também um meio crítico, uma ferramenta de análise e de criação, uma palheta complexa, capaz de composições de experiências infindáveis e profundas e também um meio generoso de educação, de transmissão de saberes, habilidades de formação de consciência do mundo<sup>9</sup>.

O teatro aparece como meio essencial para a formação da pessoa humana, e no Colégio das Irmãs essa expressão artística se fez presente e foi de suma importância para que, através de espetáculos de peças históricas, ocorressem expressões artísticas como: declamação de poesias, versos e cantos, saraus, feiras culturais, que tinham como finalidade, formar jovens apreciadores e produtores de arte e cultura, pessoas que levaram a arte teatral para além do que foi ensinado nesse espaço educacional, como é o caso de Olívia Rufino, que junto com outros colegas levaram os ensinamentos produzidos no IMH para outros cenários e instituições, que após a aprovação no exame de admissão para ingressar no GEP, fundam o Grêmio Literário Da Costa e Silva, e atuam produzindo experiências teatrais entre os anos de 1951 e 1954, fazendo com que este fosse um cenário dinamizador de novos espetáculos dos jovens estudantes da cidade de Picos. Na página seguinte, fotografia de Olívia Rufino num evento promovido no Colégio das Irmãs.

<sup>8</sup>Para ter mais dados sobre a invasão holandesa a Pernambuco ver FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. 2. ed. São Paulo: EdUSP, 2006, p. 46-47.

<sup>9</sup>NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa. Apropriações do Teatro Piauiense na Primeira República. In: CASTELO BRANCO, Julinete Vieira; SOLON, Daniel Vasconcelos. (Orgs.). **Histórias em Poliedros: Cultura, Cidade e Memória**. Teresina: EDUFPI, 2008, p. 127. Apud. MALAFAIA, Marcos. A dramaturgia e o teatro. In: **Revista do Seminário Nacional do Sesc**. Rio de Janeiro: Art SESC, 2006, p. 22.



**Fotografia 06:** Olívia no Colégio das Freiras  
 Fonte: Acervo Pessoal de Olívia Rufino.

O Colégio das Irmãs apresenta-se no contexto histórico picoense, no que concerne às representações artísticas e teatrais do final da década de 40 e início da década de 50 do século XX, como um espaço de produção e promoção artística. Olívia Rufino resume bem sua trajetória teatral e a importância do Colégio das Irmãs, no cenário picoense da seguinte forma:

foi lá que eu comecei a apresentar peças teatrais, como apresentei a peça sobre revolução dos holandeses no Recife, a gente fez alguns títulos, uma peça muito bonita lá do Recife, e aí eu tive o papel principal, uma peça linda. Eu já vinha do colégio com essas ideias, já cantava no palco do colégio, declamava poesias, era o único palco de apresentação da cidade, o do Colégio das Irmãs, que era ali onde hoje é o Banco do Nordeste, então, tudo ali era do Colégio das Irmãs, que foi uma benção ter vindo pra Picos<sup>10</sup>.

É presente na fala de Olívia Rufino um grande apreço e carinho por essa instituição de ensino, onde ela executou seus primeiros passos na cena teatral, visto que, ela analisa o Colégio como uma benção para a cidade de Picos, pois foi lá onde declamou versos, peças e poesias. Observamos que nos relatos extraídos de sua memória e experiência de vida, é possível percebemos a descrição do local do antigo prédio do Colégio das Irmãs, que foi fundado em 1943 e teve sua primeira sede no centro da cidade de Picos, na Avenida Getúlio Vargas, onde até pouco tempo funcionava o Fórum Helvídio Nunes de Barros, e o atual

<sup>10</sup>RUFINO, Olívia. Depoimento concedido a José Waldir de Sousa Moura Júnior e Eduardo Henrique Barbosa de Almeida, Picos-PI, 2011.

Banco do Nordeste do Brasil (BNB), sendo esta instituição fundada pelas irmãs da Ordem do Coração Imaculado de Maria<sup>11</sup>.

Para Nascimento,

Ao analisar o papel da memória na construção dos sentidos, entende-se que ela atua como articuladora do presente, situando os homens num perspectiva da projeção e reflexão sobre suas vidas, seus saberes, suas formas de representação da realidade, seus escapes e em alguns casos e cristalização de lembranças<sup>12</sup>.

Nesse sentido, por meio da memória de Olívia Rufino podemos analisar e compreender a importância do Colégio das Irmãs para a sua formação pessoal e sua inserção no cenário artístico picoense, pois a sua atuação teatral teve como base os ensinamentos que recebeu durante sua educação primária nessa instituição, assim como, possibilitou reconstituir fragmentos do passado da história de Picos, que podem ser trazidos à tona devido à utilização do teatro como fonte de pesquisa para a produção historiográfica.

De acordo com Patriota, “deverá o historiador estar apto a articular o debate estético à sua perspectiva histórica, a fim de que as mediações sejam construídas e o trabalho interdisciplinar realizado”<sup>13</sup>.

Baseado nessa perspectiva podemos constatar que cabe ao historiador utilizar um método de pesquisa adequado para relacionar a arte e a estética às produções historiográficas, não reduzindo-as apenas ao contexto de história da arte, mas sim interrelacioná-las com as produções históricas de uma maneira plural, uma vez que a arte faz parte da própria história, pois é uma ação empreendida pelos homens para dar significado ao mundo e suas experiências de vida, nos constantes conflitos cotidianos da sua realidade histórica, como ser social e protagonista da história.

No que concerne à história do teatro picoense a partir das memórias de Olívia Rufino, nos é possível enxergar cenários e contextos da cidade de Picos, pois foi essa instituição, até onde sabemos, que fomentou as primeiras experiências teatrais em Picos,

---

<sup>11</sup>Para mais informações ver MOURA, MICHELE RIBEIRO DE. **A participação e a atuação da mulher na sociedade e política no século XX**: um ensaio biográfico de Olívia Rufino, em Picos-PI (1934-200). Monografia (Licenciatura Plena em História) \_ UFPI. Picos-PI: 2011. 132 fls, p. 29.

<sup>12</sup>NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa. História e Teatro: primeiros passos do dramaturgo Benjamin Santos percorrendo o cenário cultural recifense na década de 50 do século XX. In: LIMA, Frederico Osanan Amorim; ARAÚJO, Johny Santana de. (orgs.). **História**: entre fontes, metodologias e pesquisa. Teresina, PI: EDUFPI; Imperatriz, MA: Ética, 2011, p. 9.

<sup>13</sup>PATRIOTA, Rosângela. O Teatro e o historiador: interlocuções entre linguagem artística e pesquisa histórica. In: RAMOS, Alcides; PEIXOTO, Fernando; PATRIOTA, Rosângela. (orgs.). **A história invade a cena**. São Paulo: 2008, p. 42.



sendo de grande relevância para a atuação posterior de Olívia Rufino no Grêmio Literário Da Costa e Silva, na década de 50 do século XX.

### **3.2 O embrião cultural: o ginásio estadual picoense e a atuação do grupo teatral do grêmio literário da costa e silva na promoção da cultura**

Na cidade de Picos também foi presente, ainda na perspectiva do teatro vinculado as escolas da educação básica, representações cênicas no contexto da década de 50 do século XX desenvolvidas e encenadas pelos jovens estudantes GEP, com a fundação do Grêmio Literário Da Costa e Silva, que fizeram de suas juventudes, um estandarte de luta contra as injustiças socioculturais existentes nesse contexto histórico.

Sobre a fundação do Ginásio Estadual Picoense, para Borges “o Ginásio Estadual Picoense”, um reclamo da sociedade que foi levado em projeto-Lei à Assembleia Legislativa do Estado pelos Deputados picoenses Antenor Neiva e Hélio Leitão, foi aprovado em 22 de agosto de 1949, mas não funcionava em razão da crise financeira que assolava o Piauí. Foi então que o Prefeito Celso Eulálio, propôs a aprovação da Câmara Municipal para sustentá-lo enquanto o Estado não tivesse condições de fazê-lo<sup>14</sup>.

O Ginásio Estadual Picoense para sua fundação e funcionamento teve o apoio de políticos picoenses na elaboração do seu projeto-Lei e no financiamento para seu desenvolvimento na cidade de Picos, uma vez que os custos iniciais para que suas atividades começassem, foram financiados pelo prefeito Celso Eulálio.

Olívia Rufino define a atuação e importância do prefeito Celso Eulálio na fundação do Ginásio Estadual Picoense, da seguinte maneira:

o prefeito de Picos, Celso Eulálio, um homem de poucas leis, mas de boa visão, que enxergava longe, primeiro prefeito eleito pelo voto direto., foi à Câmara Municipal e propôs sustentar o ginásio enquanto o Estado não pudesse fazê-lo, e sustentou. Nós, alunos, pagávamos uma taxazinha de nada para a limpeza, ele pagava os funcionários, professores, ali, onde hoje é o Museu, começamos, quer dizer, ele ajudou os professores, o ginásio começou beleza, a cidade ficou alegre, feliz, porque começou um trabalho de socialização do povo, de cidadania do povo<sup>15</sup>.

<sup>14</sup>MOURA, MICHELE RIBEIRO DE. **A participação e a atuação da mulher na sociedade e política no século XX**: um ensaio biográfico de Olívia Rufino, em Picos-PI (1934-200). Monografia (Licenciatura Plena em História) \_ UFPI. Picos-PI: 2012. 132 fls., p. 37.

<sup>15</sup>RUFINO, Olívia. Depoimento concedido a José Waldir de Sousa Moura Júnior e Eduardo Henrique Barbosa de Almeida, Picos-PI, 2011.

Por meio dos relatos de Olívia Rufino podemos perceber que o Ginásio Estadual Picoense pode ser entendido como uma conquista educacional de grande significância que contribui enormemente para o desenvolvimento da educação e cultura, pois era um espaço de socialização e desenvolvimento da cidadania.

Segundo Duarte;

A importância que o Ginásio teve para Picos pode ser percebida através de vários ângulos. Em primeiro lugar, possibilitou que muitos jovens picoenses dessem continuidade aos seus estudos, o que do contrário não iria ocorrer, visto que a maioria deles não tinha condições financeiras para frequentar centros acadêmicos maiores. Em segundo lugar, o Ginásio trouxe uma espécie de fermento intelectual para a cidade, cujo pólo irradiador foi o Grêmio Literário Da Costa e Silva, que teve como presidente-fundador o ginásiano José (Ozildo) Albano de Macedo, e tinha no Jornal **Flâmula** – ao qual voltarei a me refletir em capítulo subsequente – um importante instrumento de veiculação de ideias e de divulgação da produção literária local<sup>16</sup>.

Nesse sentido, podemos perceber que após o início do seu funcionamento, que é apontado por Duarte como em 1950, o GEP, conforme a citação acima, dinamizou a cultura educacional picoense, sendo de fundamental importância para a continuação da formação escolar de muitos jovens, e irradiou a sociedade através das ações culturais realizadas pelo Grêmio Literário Da Costa e Silva, a partir da perspectiva das encenações artísticas e da utilização do teatro como meio de problematização social na cidade de Picos, na medida em que o teatro, segundo Nascimento:

contribuiu para problematizar a realidade, as crises, as formas de dominação, os anseios populares, a conjuntura política em seus diversos aspectos, passando a ser uma forma de ver o Brasil e seus problemas, provocar críticas, não apenas em jornais e revistas, mas também da plateia que frequentava os espetáculos<sup>17</sup>.

Tendo consciência da força do teatro para a promoção da cidadania e da pessoa humana analisaremos a atuação e produções culturais do grupo teatral do Grêmio Literário Da Costa e Silva e seu papel na cena teatral picoense, sob a perspectiva de uma arte engajada com as questões sociais da cidade no contexto da década de 50, sob a ótica de análise da

<sup>16</sup>DUARTE, 1995, p. 113-115.

<sup>17</sup>NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa. História e Teatro: primeiros passos do dramaturgo Benjamin Santos percorrendo o cenário cultural recifense na década de 50 do século XX. In: LIMA, Frederico Osanan Amorim; ARAÚJO, Johny Santana de. (Orgs.). **História: entre fontes, metodologias e pesquisa**. Teresina, PI: EDUFPI; Imperatriz, MA: Ética, 2011, p. 17.  
NASCIMENTO, 2011, p. 18.

artista Olívia Rufino estudante de Ginásio Estadual Picoense e integrante do referido grupo teatral.

Sobre a perspectiva de grupos teatrais que trabalham com a arte engajada, para Nascimento,

Com este propósito de produzir uma arte engajada na vida do povo, muitos artistas desenvolveram esforços, enfrentaram conflitos, dedicaram suas vidas, vivenciaram angústias, entregaram-se às incertezas, correram perigo, foram perseguidos pela solidão e pelo medo, mas também presenciaram a materialização de seus desejos, formaram amizades, pois a arte também é matéria do encontro. Iniciativas bem sucedidas alcançaram metas, receberam aplausos como nutrientes de sua cognição criativa e do processo linguístico constituído por um sistema de signos de arte que geram determinada significação.

É dentro dessa perspectiva apresentada por Nascimento, que consiste o significado da atuação e do encontro dos jovens estudantes do Ginásio Estadual Picoense, pois através da sua união para a formação do grupo teatral do Grêmio Literário Da Costa e Silva, eles estabeleceram uma ligação e reunião de pessoas que por meio da arte, buscando melhorar as suas realidades sociais, desvendando os problemas cotidianos que faziam parte do cenário da cidade de Picos na década de 1950. Através da composição do Grêmio ocorre a formação de amizades que se inter-relacionaram de maneira fraternal e ativa na busca de apresentar, por meio do teatro uma possibilidade de desmascarar o predomínio financeiro e cultural das elites sobre as classes menos afortunadas e conscientizá-los da sua condição de classe explorada, representando muitas vezes nas peças as formas de exploração e domínio que faziam parte da realidade diária da vida desses indivíduos, sendo este um dos objetivos do grupo.

Sobre o interesse por produzir e representar peças teatrais na cidade de Picos, Olívia Rufino apresenta os princípios que motivaram os estudantes do Grêmio Literário Da Costa e Silva a desenvolverem teatro no Ginásio Estadual Picoense:

O que nos motivou, eu acho que foi força, juventude, necessidade de fazer alguma coisa. A gente se reunia na praça para pensar o que tinha de fazer, para mudar o sistema coronelista da nossa cidade, para aproximar um pouco a miséria dos grandes que eram poucos, e ali a gente já ginasianos, e preciso lembrar que eu tinha as minhas ideias, mas seguia muito mais as ideias de José Albano de Macêdo, Ozildo Albano, o mestre da cultura picoense, que deixou o museu aí para todo mundo, o Museu Ozildo Albano. Então, com o auxílio do diretor do nosso ginásio, Severo Eulálio, foi criado o Grêmio Literário Da Costa e Silva. Esse Grêmio Literário nosso, foi o embrião de muitas reformas, muitos empreendimentos, nós, alunos do ginásio éramos unidos numa cabeça só, num pensamento só, a gente lutava com força, com vontade, dali surgiu a ideia para arranjar dinheiro para comprar uma

tipografia e escrever o que nós queríamos, mudar, colocar nossas ideias no papel e espalhar aí [...] passar nas fuças da cidade a concretização do nosso jornal<sup>18</sup>.

A partir da descrição de Olívia Rufino, podemos constatar que o Grêmio Literário Da Costa e Silva, foi de suma importância para o desenvolvimento de novas ideias na cidade de Picos, e no que concerne ao campo de florescimento das ideias para as produções dos enredos das peças, elas nasciam das reuniões que esses jovens faziam na Praça Félix Pacheco, ponto de encontro e também espaço de lazer e sociabilidades entre as pessoas da cidade de Picos. Orientados pelo diretor do Ginásio Estadual Picoense, Severo Eulálio, esses jovens reuniram-se com o propósito de aproximar culturalmente as classes menos favorecidas da sociedade, e denunciar, por meio da arte teatral, as formas de exploração que os menos afortunados estavam submetidos nas mãos dos coronéis latifundiários, comerciantes e políticos da cidade de Picos, que viam na desigualdade escolar e cultural as formas de reprodução e predomínio dos seus privilégios no seio dessa sociedade. Alguns dos problemas eram, a falta de saneamento básico, precárias condições de habitação, ausência de coleta de lixo, já que este era atirado nos morros, insalubridade urbana, exploração da força de trabalho das camadas populares, desigualdade social, analfabetismo, coronelismo político, clientelismo eleitoral e voto de cabresto, dependência pessoal e coletiva, preconceito social, machismo, entre outras mazelas, que por meio da atuação dos jovens ginasianos, eram apresentados ao povo e representados no palco do teatro.

Dessa forma, o teatro é concebido como um instrumento para esclarecer as formas de desigualdade social na cidade de Picos, nas peças realizadas pelo Grêmio Literário Da Costa e Silva. Sobre a relação do teatro com o engajamento com as questões cotidianas, para Nascimento:

O teatro marca assim sua inserção nas problemáticas sociais, levando-as ao palco, incorporando os problemas às estéticas teatrais, ao conteúdo dramático, produzindo dispositivos de resistência e combate pela arte, que se prolonga ao longo dos anos e se fortalece pelo engajamento de setores populares e grupos de artistas e intelectuais que se tornam formadores de opinião<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup>RUFINO, Olívia. Depoimento concedido a José Waldir de Sousa Moura Júnior e Eduardo Henrique Barbosa de Almeida, Picos-PI, 2011.

<sup>19</sup>NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa. **Teatro dialógico**: Benjamin Santos em incursão pela História e Memória do Teatro Brasileiro. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2009, p. 65. (Tese de Doutorado).

Dentro dessa perspectiva as produções realizadas pelo Grêmio Literário Da Costa e Silva, buscaram gerar uma consciência crítica formadora de opinião, através da sua atuação, pois apresentaram teatro representando a vida do povo e para o povo, no intuito de aproximar no plano cultural, às elites. O grupo buscou por meio do teatro, realizar espetáculos para ajudar a custear os recursos necessários para a formação e instalação de um jornal na cidade, onde depois de algumas apresentações conseguem fundar o Jornal **Flâmula** que, segundo Duarte, teve seu primeiro exemplar circulando na cidade no dia 15 de março de 1952<sup>20</sup>.

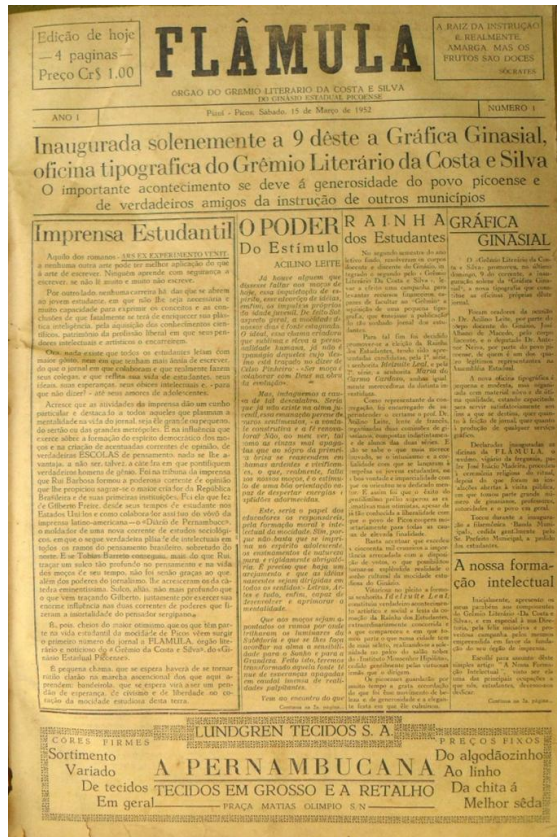
Sobre o Jornal **Flâmula**, Duarte o caracteriza da seguinte maneira:

Pela sua natureza de jornal literário e noticioso, **Flâmula**, destacava-se dos demais periódicos pela quantidade de matérias publicadas, seja no conteúdo, seja na forma. O jornal publicava artigos de professores e alunos do Ginásio Estadual Picoense e tinha como assíduo colaborador o poeta Lourenço Campos, que ali publicou vários dos seus poemas. A leitura dos exemplares ainda existentes de **Flâmula**, abrangendo os dozes meses em que o jornal circulou, revela alguns aspectos da atividade cultural da cidade naquela época. Em primeiro lugar, percebe-se a ênfase dada pelos editores do jornal à educação e à cultura, a julgar pela insistência dos editoriais em abordarem o assunto. Segundo, é interessante observar nos vários exemplares de **Flâmula** a boa qualidade dos artigos assinados por alguns ginásianos, havendo uma nítida preferência pelos temas sociais como educação e saúde, e pelas biografias de cientistas e escritores. Outro aspecto digno de menção era a linguagem usada pelos redatores da página de variedades, onde se encontra uma seção que poderia ser considerada como equivalente ao que hoje se denomina de colunismo social<sup>21</sup>.

---

<sup>20</sup>DUARTE, 1995.

<sup>21</sup>DUARTE, 1995, p. 138-143.



Fotografia 07: Primeiro numero do Jornal Flâmula  
 Fonte: Museu Ozildo Albano.

Conforme apresenta Duarte (1995), podemos perceber que o Jornal **Flâmula** é fruto do trabalho desenvolvido em conjunto entre professores e alunos do Ginásio Estadual Picoense, mostrando que esse encontro de jovens estudantes, somado à formação do Grêmio Literário Da Costa e Silva, dinamizou com grande propriedade e competência a fundação de um projeto de criação de um jornal estudantil, comprometido com a promoção cultural e da cidadania na cidade, pois, eram presentes em seus artigos temas que envolviam educação, cidadania, saúde, cultura, lazer, biografias de cientistas e escritores, poemas e poesias, elaborados por estudantes que enxergavam a educação como uma força capaz de transformar vidas, consciências e até a própria realidade social da época.

É nesse contexto de produções culturais, presentes na cidade de Picos, que vamos abordar a atuação do Grupo de Teatro do Grêmio Literário Da Costa e Silva, observando as peças que foram encenadas pelo grupo, os temas e a relação que eles tinham com o contexto sociocultural da cidade, para saber qual a finalidade que tais representações cênicas buscavam alcançar, a partir da ótica de análise da artista Olívia Rufino que era uma das estudantes e componentes do Grêmio, e se destaca na sua participação no teatro por buscar através de suas atuações uma modificação na estrutura social e cultural na cidade, nos anos 1950.

As peças e representações cênicas encenadas pelos estudantes do Grêmio Literário Da Costa e Silva, que tiveram a atuação de Olívia Rufino, foram “O Avarento”, do francês Molière, e “O enterro do inspetor escolar” (não foi uma peça teatral, mas uma representação cênica do enterro de um inspetor, que segundo Olívia Rufino, não queria reconhecer o curso ginásial da primeira turma do Ginásio Estadual Picoense), sendo ambas as peças norteadas pela perspectiva da arte engajada às questões sociais.

Vale destacar que a preparação da peça é fruto das várias leituras empreendidas pelos jovens picoenses dos anos de 1950, pois eles tinham o constante hábito de ler obras literárias nacionais e europeias, como obras de José de Alencar, Machado de Assis, Alexandre Dumas, Artur Conan Doyle, Érico Veríssimo, Luis Vaz de Camões, entre outros autores. Através dessas leituras ocorriam diálogos e debates sobre os conteúdos dos livros, ocorrendo empréstimos de livros entre os estudantes para que todos pudessem ter acesso aos conteúdos das leituras e pudessem fomentar a cultura na cidade.

Sobre as leituras efetuadas por Olívia Rufino e os reflexos que elas tinham sobre as produções teatrais:

Eu aprendi as técnicas de teatro com minhas professoras no Colégio das Irmãs, aprendi também no Ginásio, mas eu acho que aprendi muito com a vida, comigo, lendo. Eu lia diariamente, às vezes até pela manhã, a minha leitura preferida na época, já naquela época, como era a de Ozildo e outros alunos e outras alunas, era, nós começamos lendo Érico Veríssimo, um escritor brasileiro, lá do Rio Grande do Sul, muito bom, e tem até livro, tem filme, tem novela. Mas a nossa leitura preferida, era no caso, a literatura francesa, os miseráveis, livros de Victor Hugo, do Alexandre Dumas, pai e filho, e uma série que acho que vocês só viram no cinema, os três mosqueteiros, que é coisa dele, mas ali são, cerca de 16 livros, memórias de um médico, livro da história francesa, que são 29 volumes, eu li todos, até as vírgulas, e aquilo com que íamos, no caso, aprendendo, aprendendo de outras terras, que para eu viver aquilo aqui, eu tinha de representar. Então eu representei com os meus colegas, e os que faziam o grupo de teatro [...] e a gente, ali era onde estava a oportunidade da gente mudar o sistema colonial antigo, o sistema vigente, a palmatória dos ricos em relação aos pobres, e muitas outras coisas que existiam, aqui na nossa, na minha terra que precisava, a gente não tinha voz nem força pra isso, agora barulho, meu filho, a gente fazia, fazia barulho que repercutia, e a gente ainda no ginásio, o ginásio era muito importante, nossa, meu sobrinho estudo no ginásio, se a gente fazia qualquer coisa o povo vinha, o povo apoiava [...] E em relação à leitura meu filho, a gente lia muito e naquela época meu filho, a França era o centro do mundo, eu sempre gostei muito da história francesa, da Revolução Francesa e dos livros que contavam as grandes histórias de lá e de outros países [...] Então nós no ginásio começamos a aprender esse tipo de coisa, além de ler muito. Eu tinha a vantagem de ler muito com Ozildo e discutir o que a gente lia. Então, apareceu a necessidade grande da gente começar a fazer alguma coisa pela nossa terra, era uma responsabilidade nossa, a gente precisava dar corda nesse relógio da revolução, e nada evolui sem o povo

junto, o povo tem que abrir os olhos, botar o pé no chão, e isso era o que a gente queria com esse teatro<sup>22</sup>.

Como podemos analisar os jovens estudantes do Ginásio Estadual Picoense, tinham como característica a utilização da arte teatral como uma forma de levar a cultura e aproximar a sociedade picoense de problemáticas, trabalhadas por meio das artes cênicas, retratando aspectos que eram presentes na vida do povo picoense. Outra característica presente nesse período e a aproximação e apropriação das leituras sobre a literatura francesa para a elaboração dos textos dos espetáculos, visto que os textos de algumas peças eram adaptados à realidade social picoense, e os jovens encaravam o teatro e literatura, como uma forma de buscar desenvolver a cultura e utilizá-la na busca do esclarecimento das massas.

Um exemplo disso é a peça “O avarento” do francês Molière, uma obra da literatura francesa, que foi adaptada à realidade social picoense. Em Picos essa peça foi adaptada à realidade social da população local, onde a principal prática era agricultura através da exploração dos gêneros de hortaliças (alho, cebola, arroz, dentre outros produtos), o trabalho nas fazendas dos coronéis e o comércio na região. Nesse sentido, a peça “O avarento” tem como característica principal a alteração do seu contexto original à vida dos agricultores explorados pelos coronéis, onde “O avarento” era uma representação por meio do teatro, da personificação das práticas que esses coronéis submetiam por meio da sua força política, social e econômica as populações menos abastadas da sociedade.

Notamos dentro desse contexto que as peças teatrais encenadas em Picos tinham como finalidade social um diálogo com os problemas da sociedade, buscando por meio da arte a superação e conscientização da sociedade para a resolução dos mesmos.

Sobre o teatro dialógico, Nascimento afirma que:

No teatro dialógico há uma interconexão entre as experiências vivenciadas pelos sujeitos históricos e os sentidos que elas recebem socialmente. Trata-se de uma experiência de produção de vida, de forma a problematizar a realidade, colaborando para desenvolver formas de viver e conviver socialmente.

O que é inserido textos teatrais e encenado nos espetáculos, na perspectiva do teatro dialógico, são os problemas sociais e possíveis formas de suplantar as adversidades, que também fazem parte da vida, porém não devem ser empecilhos para que o ser humano possa ser feliz e conseguir sua realização pessoal<sup>23</sup>.

---

<sup>22</sup>RUFINO, Olívia. Depoimento concedido a José Waldir de Sousa Moura Júnior e Eduardo Henrique Barbosa de Almeida, Picos-PI, 2011.

<sup>23</sup>NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa. **Teatro dialógico**: Benjamin Santos em incursão pela História e Memória do Teatro Brasileiro. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2009, p. 35. (Tese de Doutorado).



Dentro da perspectiva apontada por Nascimento, podemos notar que o teatro dialógico tem como finalidade, utilizar a arte como um meio de problematizar e resolver as querelas sociais, uma vez que o papel da arte dentro dessa concepção é suplantar a esfera de ação do palco, e refletir sobre aquilo que é encenado, a história e os problemas do povo, para que este adquira uma consciência crítica e através da ação prática altere sua realidade.

Outro critério que podemos analisar é o papel da educação na sociedade coronelista, pois o que se caracteriza é que ela, em relação à manutenção dos privilégios e formação da riqueza, é deixada em segundo plano, pois a riqueza é vista como um elemento adquirido através das práticas agrícolas. Porém, da mesma maneira que ela é deixada em segundo plano para a formação da riqueza, ela é colocada em primeiro plano, no que concerne a conservação do *status quo* na sociedade.

Sobre as concepções de educação pelos coronéis no cenário picoense, Alveni Vieira diz:

Os ‘coronéis’ que se fizeram poderosos política e economicamente, como frutos do sertão, e verdadeiros caciques, preferem ver os filhos com a enxada e o machado, cavando a terra que lhe prodigaliza a fartura, sem a beneficiarem de maneira prática, e cortando o mato onde façam os roçados, do que encaminhando para a escola<sup>24</sup>.

No que concerne à educação e ao mandonismo dos coronéis, esses são vistos como caciques, chefes políticos que reproduziam seus poderes através da falta de instrução da classe popular, não consideravam a educação como uma prática essencial a ser disseminada para as massas na sociedade. Mas, viam na agricultura e no comércio caminhos mais lucrativos para a formação de seus patrimônios e na reprodução dos mesmos privilégios por seus herdeiros, por isso viam na falta de desenvolvimento da educação formal o grande ponto para explorar o trabalhador rural.

Sobre a peça “O avarento”, segundo Olívia Rufino:

o nosso grupo de teatro apresentou a peça “o Avarento”, do francês Molière, trabalhada por a gente, principalmente por Ozildo, Severo Eulálio e outros professores, foi uma pequena adaptação para o nosso meio, onde o avarento, que era uma cara mal, que era do mal, como dizem as crianças hoje na TV, o cara era do mal, e ele representava um mal político, um coronelão que escravizava a cidade. Então a gente colocou esse avarento como aquele coronel, numa crítica pra ir acordando a cabeça do povo, que o povo era ferrado no traseiro e era satisfeito, feliz, como, sabe, uma mediocridade feliz,

---

<sup>24</sup>SANTOS, Rodrigues dos. Centenário municipal de Picos. In: VIEIRA, Maria Alveni Barros. **Educação e sociedade picoense**: 1850 a 1930. EDUFPI: 2005, p. 92.

onde o chefe não sabe porque é chefe, porque é dono dos outros, e aqueles outros vão, cabisbaixos, sem individualidade, sem cidadania, como cordeiros, então fizemos esse trabalho para conscientizar nossa sociedade sobre os políticos.

Dentro desse processo o Grupo de teatro do Grêmio Literário Da Costa e Silva, objetivava por meio do teatro demonstrar as estratégias e as práticas que os coronéis utilizavam no seu dia-a-dia com as pessoas comuns da cidade de Picos nos anos 1950, buscando que estes enxergassem as maneiras pelas quais eram explorados e maltratados cotidianamente, no intuito de despertar uma consciência nessa massa explorada, desenvolvendo a cidadania por meio do teatro.

Em relação às peças encenadas pelo grupo dos ginásianos picoenses na promoção da cultura e da cidadania das classes menos favorecidas, podemos perceber que estes tinham um compromisso social de repassar as aprendizagens desenvolvidas no Ginásio Estadual Picoense através de conceitos como cidadania, ética, educação, justiça social, valorização e defesa dos direitos do trabalhador, entre outras coisas que caracterizam a ação social do grupo. Não só em Picos, mas na história do teatro piauiense foi presente o compromisso dos atores com as questões sociais. A respeito da utilização do teatro como cena de representação da vida do povo e suas ações diárias no Piauí e a função do artista piauiense.

Para Nascimento:

Ao em-cena-dor no teatro piauiense, é atribuída a capacidade de criar e recriar a situação concreta, uma realidade cultural, suturada por ser complexa, no sentido etimológico de ‘construir juntos’, as desgraças humanas, a tragédia, a degradação na cena, juntando, organizando em um todo coerente e rico de todos os elementos expressivos de que dispõe o sentido do teatro<sup>25</sup>.

Dessa forma, por meio da criatividade e da fomentação artística e cultural os jovens estudantes do Ginásio Estadual Picoense se apropriam dos conhecimentos educacionais apreendidos nessa instituição de ensino para transformar o universo cultural de uma parcela da sociedade picoense, utilizando as mazelas da vida cotidiana como tema central nas representações no palco do teatro.

Para compreender melhor as transformações objetivadas pelo grupo teatral do Grêmio Literário Da Costa e Silva, é necessário entendermos os aspectos que faziam parte da

---

<sup>25</sup>NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa. Apropriações do Teatro Piauiense na Primeira República. In: CASTELO BRANCO, Julinete Vieira; SOLON, Daniel Vasconcelos. (Orgs.). **Histórias em Poliedros**: Cultura, Cidade e Memória. Teresina: EDUFPI, 2008, p. 127.

mentalidade das classes menos abastadas em relação aos objetivos da formação social do homem picoense, que para Vieira:

Ao fazer uma análise do perfil da população do município no transcurso do seu centenário de emancipação político-administrativo (1855-1955) [...] muitas pessoas não iam à escola, por que ainda predominava a figura do sertanejo tradicional, que, salvo raras exceções, não conseguiu evoluir nem nos métodos de sistemas de aplicação do trabalho produtivo, nem nas relações sociais onde uns poucos viviam de uma herança estacionada a explorar a ignorância, o medo e a pobreza do caboclo<sup>26</sup>.

Diante desse cenário o trabalho dos jovens ginásianos é considerado de ampla relevância para aproximar as classes menos afortunadas, financeira e culturalmente, pois conscientizar essa população de caráter tradicional, ensinando-lhes aspectos que caracterizam a cidadania e o conhecimento da sua situação de exploração, é sem dúvida uma vasta contribuição à cultura e à sociedade, tendo os atores um papel social de destaque.

Destacando a contribuição e a importância da função do ator de teatro, conforme Nascimento:

O ator é agente de transformação da sociedade e de si próprio. No Teatro, ator e público se transformam mutuamente. Constrói-se uma possibilidade de tornar presença viva o ser humano em ação e humanizar-se, com-vivendo com o público, numa situação concreta, com-movido por suas re-laço-ões de amor ou conflito com o(s) outro(s), buscando o des-envolvimento capaz de libertá-lo e concenter-lhe o protagonismo histórico<sup>27</sup>.

O grupo de teatro do Grêmio Literário Da Costa e Silva que pertencia a primeira e segunda turma do Ginásio Estadual Picoense apresentava suas peças teatrais no palco do Instituto Monsenhor Hipólito, conhecido popularmente na cidade como Colégio das Irmãs, devido o Ginásio não possuir uma infraestrutura suficiente para receber um evento desse porte, também por ser o único palco pertencente a uma escola da cidade, e por haver uma disponibilidade das irmãs que eram responsáveis pela instituição.

Sobre a importância do palco do Colégio das Irmãs para os eventos teatrais e o desenvolvimento da cultura em Picos, para Duarte:

Havia na Picos dos anos 50 dois salões dotados de condições mínimas – palco, bastidores, cortina – para a realização de eventos culturais. O auditório mais utilizado era o do Instituto Monsenhor Hipólito, na rua Grande, e que consistia em um extenso e arejado salão onde funcionavam

<sup>26</sup>VIEIRA, Maria Alveni Barros. **Educação e sociedade picoense: 1850 a 1930**. EDUFPI: 2005, p. 92.

<sup>27</sup>NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa. Apropriações do Teatro Piauiense na Primeira República. In: CASTELO BRANCO, Julinete Vieira; SOLON, Daniel Vasconcelos. (Orgs.). **Histórias em Poliedros: Cultura, Cidade e Memória**. Teresina: EDUFPI, 2008, p. 128.

várias salas de aula separadas entre si por biombos, os quais eram retirados quando havia necessidade de conversão do espaço em auditório. O outro salão fazia parte do prédio da Associação Comercial de Picos, situado no atual nº 14 da praça Matias Olímpio<sup>28</sup>.

Foi nesse cenário que algumas peças teatrais foram encenadas no contexto dos anos 50 na cidade de Picos, sendo o Colégio das Irmãs uma instituição que assessorava, contribuía e ajudava outras instituições educacionais no incentivo à promoção da cultura e da arte teatral.

Outra peça que teve ampla repercussão na cidade de Picos foi o enterro do inspetor escolar, que tem como característica a utilização do teatro como uma representação cênica para solucionar um dos problemas enfrentados pelos jovens ginásianos das duas primeiras turmas do Ginásio Estadual Picoense, mas especificamente da primeira turma, que sofriam com a dúvida de não concluírem o curso ginásial, caso não obtivessem o reconhecimento do mesmo através da assinatura do inspetor escolar. Esses jovens utilizaram o teatro como uma forma de protesto e reivindicação por meio da simulação em praça pública, na Praça Félix Pacheco, do enterro desse inspetor, que para aquela juventude simbolizava o enterro de alguém que não mensurava a importância daquele curso para a cidade de Picos, e principalmente, para aqueles jovens, como era o caso de Ozildo Albano e Olívia Rufino, sendo que ela cursou aquela etapa de ensino entre os de 1951 e 1954.

Olívia Rufino narrou o episódio da seguinte maneira:

Aquele enterro que a gente fez [...] foi um espetáculo. Num tá gravando não, tá? Pois eu num sei se é necessário isso. Foi uma espécie de drama isso, mas se num é necessário você, eu deixo pra contar depois que tiver desligado, não, mas eu vou contar. É que o inspetor escolar nomeado pelo governo em Teresina, que veio trabalhar juntamente com o chefe político aqui, ele disse que não assinaria então, as provas, que já estavam sendo feitas, da primeira turma. Então, ele veio com poderes pra assinar ou não, assinou, valeu, não assinou, tava perdido, todo mundo, os quatro anos, os meninos aí, Ozildo e outros. Automaticamente, acabou o ginásio de Picos. Bom, se os alunos que estudaram não tiveram o direito de passar, competentíssimos, todos eles. Você pode saber a história da primeira turma do ginásio, tem lá no museu, num perdeu ninguém, todo mundo bem colocado, todo mundo onde deveria estar mesmo. Então, o inspetor disse que não assinava as provas dos meninos, e nós éramos um só; então a segunda turma entrou junto, e nós fizemos o enterro do homem. Arranjamos um caixão, botamos um pau dentro, cobrimos de flores, eu me vesti de luto, que era a viúva, e nós fomos à porta dele, e ascendemos vela lá na porta dele e na janela, era ali de frente ao Paraíba, e viemos de lá pra cá. Ozildo paramentado de padre, Odonel na frente com uma cruz no ombro, e eu e mais duas viúva atrás gritando, chorando, e Dimas levando o caixão. O padre Davi encontrou com a gente ali perto da farmácia de Iná, pediu pelo amor de Deus, que isso era uma

---

<sup>28</sup>DUARTE, 1995, p.143.

crueldade que a gente tava fazendo com o homem, que aquilo era demais, que a gente devia parar com aquilo. Mas nós não ligamos. Então fomos para praça Félix Pacheco, botamos o caixão no coreto, e fomos fazer os discursos. Ozildo fez a recomendação, “aquela” recomendação, paramentado de padre, e Odonel fez o discurso político se despedindo do colega dele político, e assim, as famílias todas assistindo e aplaudindo, e chamaram a polícia, o coronel claro, chamou a polícia que estava lá, mas a polícia não interferiu em nada, ficou lá, lá longe. Meu pai era militar, foi lá logo e disse que eu estava lá porque eu tinha o direito de estar, estava lutando pelos meus direitos, meu pai era moderno, não é, e a polícia num mexia com a gente. E isso repercutiu demais. O moço foi embora daqui para São Paulo. Hoje, ele é falecido, e não me interessa, todo mundo sabe aí na cidade, mas isso foi, num foi bom por que a gente no entusiasmo, na juventude, e na loucura de perder o nosso ginásio, um patrimônio que a gente tinha conseguido com tanto sacrifício, a gente ficou louco, a gente não notou que estava fazendo, que estava afrontando uma família das mais decentes da cidade, realmente, uma família boa, decente, honesta, a família do moço lá. Mas o que a gente queria era acertar um tapa na fuça do coronelismo, mas ele tava no meio, e ele foi nele que pegou não é. Mas nós fizemos isso e não foi ruim, daí para frente veio outro assinar as provas dos meninos, todo mundo viu que era um absurdo o ginásio foi reconhecido e todos puderam terminar seu curso ginásial<sup>29</sup>.

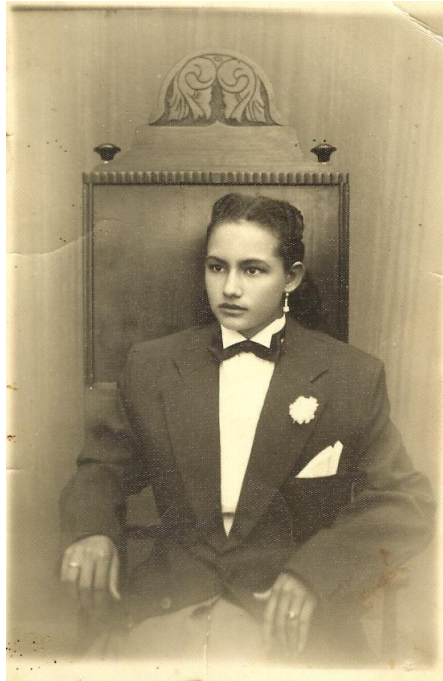
A partir da narrativa oral e da memória dos relatos sobre a representação do enterro do inspetor escolar, podemos claramente compreender a forma com que os jovens ginásianos compreendiam e encenavam o teatro na cidade de Picos, visto que o teatro foi utilizado como mecanismo de ação e atuação para que aquela juventude transformasse seus problemas cotidianos por meio da arte, uma vez que o enterro do inspetor escolar, marca a criatividade e a luta de uma juventude que para não perder seu curso ginásial, encena o enterro de quem segundo Rufino, queria enterrar o Ginásio Estadual Picoense, sendo essa representação assistida em praça pública pela população, que ao ver a dramatização do velório na Praça Félix Pacheco, abraçou a causa dos jovens ginásianos, e assisti a recomendação do corpo do inspetor e político, encenada por Ozildo Albano, que se despede do amigo com palavras que ecoaram na sociedade como uma bandeira dos jovens por seus direitos estudantis e sociais, conquistados de maneira criativa, dinâmica e principalmente crítica, onde a cultura e o teatro se caracterizam como arma de luta desses jovens na busca dos seus ideais.

A causa dos estudantes foi considerada como causa da sociedade picoense, a representação em praça pública do enterro do inspetor escolar fez com que o problema dos jovens ginásianos se transformasse em luta da coletividade picoense, e com isso chamou a atenção das autoridades e familiares, fazendo com os estudantes fossem ouvidos e o seu curso ginásial reconhecido.

---

<sup>29</sup>RUFINO, Olívia. Depoimento concedido a José Waldir de Sousa Moura Júnior e Eduardo Henrique Barbosa de Almeida, Picos-PI, 2011.

Abaixo fotografia de Olívia Rufino de conclusão do curso ginásial.



**Fotografia 08:** Fotografia de Olívia Rufino no GEP.  
Fonte: Acervo pessoal de Olívia Rufino.

Nessa fotografia, é possível visualizar o resultado da conquista dos jovens estudantes que empreenderam a peça do enterro do inspetor escolar, pois ela representa a conclusão do curso ginásial por Olívia Rufino, no ano de 1954, materializando a culminância das reivindicações sobre aquele polêmico incidente.

Dessa forma, a arte teatral foi realizada através de um engajamento, onde a encenação tinha a finalidade de conscientizar a população e mudar um problema existente na sociedade. Sobre a arte engajada, para Nascimento:

É nessa fase da história do teatro brasileiro que surge com grande relevância a expressão do teatro engajado, como um teatro de denúncia, de reivindicação da liberdade, da democracia e da participação popular. Além de conhecer a expressão, enquanto termo que identifica o conceito teórico, faz-se necessário conhecer a expressão em sua transposição, das ideias representadas para a luta da classe artística, que usa como armas a palavra e o gesto, a voz e o corpo<sup>30</sup>.

Foi dentro dessa perspectiva que busquei por meio da história do teatro picoense, mostrar alguns aspectos que caracterizam a arte engajada, buscando apresentar uma

<sup>30</sup>NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa. História e Teatro: primeiros passos do dramaturgo Benjamin Santos percorrendo o cenário cultural recifense na década de 50 do século XX. In: LIMA, Frederico Osanan Amorim; ARAÚJO, Johny Santana de. (Orgs.). **História**: entre fontes, metodologias e pesquisa. Teresina, PI: EDUFPI; Imperatriz, MA: Ética, 2011, p. 22.

possibilidade de compreender alguns dos aspectos que marcaram a história, memória e cultura da cidade de Picos, nos fins da década de 40 e início da década de 50 do século XX, através da experiência teatral desenvolvida por Olívia Rufino no Colégio das Irmãs, e principalmente no Ginásio Estadual Picoense, na perspectiva de Rosângela Patriota sobre o papel do historiador e a riqueza das fontes teatrais, tendo a consciência que cabe ao historiador perceber que as peças teatrais ganham significados diferentes dos originais, devido às mudanças realizadas pelos diretores e elencos realizadas no decorrer do tempo, onde o trabalho do historiador era elaborar reflexões que articulem um diálogo frutífero entre a arte e a sociedade, pois o processo no qual as peças foram confeccionadas possibilitam “construir diálogos e evidenciar possibilidades interpretativas, que contribuam para o conhecimento de experiências passadas e auxiliem a enfrentar os impasses contemporâneos”<sup>31</sup>.

Portanto, busquei por meio do teatro apresentar uma possibilidade alternativa de compreender a década de 1940 e 1950, por meio das artes cênicas, apresentando as experiências sociais e as formas de resistência desenvolvidas na cidade de Picos, pelos jovens ginásianos do grupo teatral do Grêmio Literário Da Costa e Silva.

---

<sup>31</sup>PATRIOTA, Rosângela. O Teatro e o historiador: interlocuções entre linguagem artística e pesquisa histórica. In: RAMOS, Alcides; PEIXOTO, Fernando; PATRIOTA, Rosângela. (orgs.). **A história invade a cena**. São Paulo: 2008, p. 44.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O teatro em Picos se caracterizou nas décadas de 40 e 50 do século XX, por uma aproximação com as escolas da educação básica, como o Colégio das Irmãs e o Ginásio Estadual Picoense através do grupo teatral do Grêmio Literário Da Costa e Silva. A partir das experiências teatrais desenvolvidas por Olívia Rufino, Ozildo Albano, e outros estudantes, foi possível perceber o engajamento social e político que esta arte tinha entre uma parcela da juventude, que utilizou dos ensinamentos apreendido nessas instituições para fundar o jornal **Flâmula**, fomentando a cultura e a cidadania na cidade.

Foi possível perceber que as produções teatrais desenvolvidas nesse período, sofreram influência direta das leituras realizadas pelos jovens ginásianos que tinham amplo apreço pela literatura francesa, e adaptavam peças sobre o texto dessas obras ao cotidiano social picoense, buscando transformar a realidade de si próprios e do povo, resolvendo alguns problemas por meio da arte engajada, intentando uma conscientização crítica da sociedade por meio do teatro, no intuito de lutar contra as práticas de exploração social, econômica e cultural existente em Picos, empreendidas pelos coronéis que permaneciam no poder.

Percebemos por meio da arte, que algumas reivindicações foram alcançadas no decorrer desse processo, que utilizou às artes cênicas como um instrumento de conscientização das camadas menos afortunadas, sobre as explorações sociais que sofriam das elites da época, como também, a resolução das causas estudantis através do teatro, sendo constatado através do enterro do inspetor escolar um dos êxitos alcançados por aquela juventude na luta pelos seus direitos estudantis e pela validação do seu curso ginásial.

Nesse período, o teatro em Picos assumiu um caráter amador, sendo formado pelo trabalho conjunto entre professores e alunos nas escolas da educação básica, como também, pelo auxílio da população nos empréstimos dos figurinos, cenários e com patrocínios financeiros, tendo como principal mecenas<sup>32</sup> a figura de Severo Eulálio.

Nesse sentido, o trabalho buscou apresentar, através das artes cênicas empreendidas na cidade de Picos nas décadas de 1940 e 1950, uma possibilidade de compreender o universo cultural e a história da cidade, tendo como finalidade fornecer uma possibilidade de enxergar a construção da história por meio da arte e contribuir para o desenvolvimento de pesquisas posteriores sobre o tema.

---

<sup>32</sup>Mecenas foi Ministro de Otávio Augusto no período do Império Romano (de 27 a. C. a 476 d. C.) e influenciou profundamente o desenvolvimento cultural de Roma, sendo este período conhecido como século de ouro, graças a sua atuação como fomentador da cultura, incentivando entre outros escritores Horácio e Virgílio. Através de sua atuação surgiu a expressão do protetor da cultura dando significado as palavras de mecenas e mecenato.



## REFERÊNCIAS

### ENTREVISTAS

MOURA, Raimunda Fontes de. *Depoimento* concedido a José Waldir de Sousa Moura Júnior e Eduardo Henrique Barbosa de Almeida, Picos-PI, 2011.

RUFINO, Olívia. *Depoimento* concedido a José Waldir de Sousa Moura Júnior e Eduardo Henrique Barbosa de Almeida, Picos-PI, 2011.

SILVA, Raimunda Nonata da. *Depoimento* concedido a José Waldir de Sousa Moura Júnior e Francisco José da Silva, Picos-PI, 2008.

### BIBLIOGRAFIA

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o Ofício de Historiador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

CAMPELO, Ací. **Dramaturgia do Teatro Piauiense**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

\_\_\_\_\_. **História do Teatro Piauiense**. Teresina: A & C Promoções Culturais, 2010.

CASTELO BRANCO, Julinete Vieira; SOLON, Daniel Vasconcelos. (Orgs.). **Histórias em Poliedros: Cultura, Cidade e Memória**. Teresina: EDUFPI, 2008.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DEL PRIORE, Mary. História do cotidiano e da vida privada. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

DUARTE, Renato. **Picos: os verdes anos cinquenta**. 2. ed. Recife: Gráfica Editora Nordeste, 1995.

HOBBSAWM, Eric. A outra história: algumas reflexões. In: KRANTZ, Frederick (org.). **A outra história: ideologia e protesto popular nos séculos XVII a XIX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

LEAL, Firmino Libório. *Crônicas: Vozes da Ribeira*. Bocaina: Organizador, 2008.

MOURA, MICHELE RIBEIRO DE. **A participação e a atuação da mulher na sociedade e política no século XX: um ensaio biográfico de Olívia Rufino, em Picos-PI (1934-200)**. Monografia (Licenciatura Plena em História) \_ UFPI. Picos-PI: 2012. 132 fls.

NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa. História e Teatro: primeiros passos do dramaturgo Benjamin Santos percorrendo o cenário cultural recifense na década de 50 do século XX. In: LIMA, Frederico Osanan Amorim; ARAÚJO, Johny Santana de. (orgs.).

**História:** entre fontes, metodologias e pesquisa. Teresina, PI: EDUFPI; Imperatriz, MA: Ética, 2011.

\_\_\_\_\_. Apropriações do Teatro Piauiense na Primeira República. In: CASTELO BRANCO, Julinete Vieira; SOLON, Daniel Vasconcelos. (Orgs.). **Histórias em Poliedros:** Cultura, Cidade e Memória. Teresina: EDUFPI, 2008.

\_\_\_\_\_. **Teatro dialógico:** Benjamin Santos em incursão pela História e Memória do Teatro Brasileiro. Niterói: Tese (Doutorado em História Social) \_ UFF, 2009, 240fls.

OLIVEIRA, Karla Íngrid Pinheiro de. **A geografia dos desejos:** cidade, lazer, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960. Monografia (Licenciatura Plena em História) \_ UFPI. Picos-PI: 2011. 78 fls.

PEIXOTO, Fernando. Teatro ao encontro do povo. In: RAMOS, Alcides; PEIXOTO, Fernando; PATRIOTA, Rosângela. (orgs.). **A história invade a cena.** São Paulo: 2008.

\_\_\_\_\_. **O que é teatro.** 7.ed. Editora Brasiliense, 1985.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural.** 2. ed. São Paulo: Autêntica, 2005.

REVERBEL, Olga Garcia. **Um caminho do teatro na escola.** Rio de Janeiro: Scipione, 1989.

VIEIRA, Maria Alveni Barros. **Educação e sociedade picoense:** 1850 a 1930. EDUFPI: 2005.

VIEIRA, Maria Pilar de Araújo. **A pesquisa em história.** São Paulo: Ática, 1989.